

ANDRÉ BALAIÓ



A ÚLTIMA  
NOITE DE  
JOSÉ WILKER

Biblioteca  
Paraná



**Carlos Massa Ratinho Junior**

Governador do Estado do Paraná

**João Evaristo Debiasi**

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

**Luciana Casagrande Pereira**

Superintendente-geral da Cultura

**Luiz Felipe Leprevost**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

**Omar Godoy**

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

**Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha**

Jurados

**Domingos Pellegrini e Giovana Madalosso**

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Balaio, André

A última noite de José Wilker [livro eletrônico]/ André Balaio.

- Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

93 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria contos"

ISBN 978-65-89223-12-2 (e-book)

PDF

1. Contos brasileiros. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD ( 22ª ed.)

B869.3

# **A ÚLTIMA NOITE DE JOSÉ WILKER**

**ANDRÉ BALAIÓ**

# SUMÁRIO

5 O ARREIMATE

22 LADY CHERRY

28 EXPOSIÇÃO

46 A ÚLTIMA NOITE DE JOSÉ WILKER

---

# O Arremate

A letra tremida no verso do cartão achado no fundo da gaveta dizia: profissional de qualidade. Decidi tentar. Na falta de um número de celular, liguei para o fixo. Ninguém atendeu. Decidi arriscar, o lugar era perto. O prédio tinha uma pose falida, a decrepitude altaneira de alguém que já foi rico e hoje vive de favor. O porteiro, de quepe encardido, mostrava ao zelador um vídeo no celular com gente gritando e eles riam, riam tanto que nem me notaram. O ascensorista circunspecto tinha um uniforme bem passado, embora faltasse um botão na segunda casa a partir do colarinho. Quarto andar, eu disse, ele nada respondeu, apenas girou a manivela. Pelo vidro da porta vislumbrei um general debruçado num mapa de guerra. Dei três batidas. Ele ergueu a vista, fez sinal de positivo e veio abrir. O mapa era um pedaço de pano onde, em lugar de linhas de defesa e ataque, ele traçava riscos que orientariam cortes e ponteios. A fita métrica ao redor de seu pescoço lembrava a estola de um padre. A elegante magreza, de blazer marrom sobre calça cor de chumbo, não combinava com a simplicidade da sala. Havia três máquinas de costura bem velhas, estantes repletas de

carreteis de linhas coloridas, uma mesa comprida com moldes amarelados e cinco ternos pendurados na arara presa à parede.

– Seu Haroldo?

– Sim, meu jovem. Como foi que me achou?

– Indicação do meu pai.

– É meu cliente?

– Era. Já morreu.

Aferiu da nuca à cintura e entre as pontas dos ombros, verificou o comprimento do braço, enlaçou meu tórax, passou a fita mais justa em torno do cós. No fim, anotou tudo de memória, medida por medida numa caderneta. Tirou da gaveta uma pasta classificadora e deslizou os dedos finos pelos pedaços de tecido colados nas páginas. Discorreu sobre as vantagens do linho e da lã sobre o poliéster e a microfibra. Sua fala era monocórdia, a versão masculina da voz do Google. Aceitei o linho não por ele ter me convencido, mas porque a expressão “terno de linho” me pareceu mais natural do que “terno de poliéster”. Marquei de buscar a roupa na quarta, o que daria tempo, se preciso fosse, de mais alguns ajustes antes do casamento. Enquanto me despedia, percebi o pôster no canto da sala. Botafogo Campeão Carioca de 1989. Se parecia estranho um time de futebol na alfaia-taria, era ainda mais por ser um clube de outro estado. O sotaque era daqui, cidade em que se torce por times locais. Colocou a fita métrica sobre a mesa e veio con-

templar o pôster como quem observa um quadro num museu. Sua voz ganhou uma nova inflexão, mais alta e colorida.

– Gosta de futebol?

– Muito.

– Lembra desse time?

– Eu era criança.

Nunca fui bom de bola. No campo improvisado do terreno baldio perto da minha rua era sempre o primeiro a chegar e o último escolhido. Se fosse um número ímpar de jogadores, o vencedor no cara ou coroa preferia ficar com um a menos para optar pela barra e a posse de bola. Durante o jogo me ressentia por jamais tocarem pra mim, vítima de uma estranha conspiração.

Apontei para um rapaz alourado e barbudo, um Jesus Cristo de chuteiras que devia ser o craque do time ou pelo menos era o único que eu lembrava.

– Esse aqui é o Paulinho Criciúma?

– Ele mesmo. É meu amigo. Sabe a escalação? — Não esperou minha resposta: — Ricardo Cruz; Josimar, Wilson Gotardo, Mauro Galvão, Marquinhos; Carlos Alberto Santos, Luisinho, Vítor; Maurício, Paulinho Criciúma e Vamberto.

– Estou vendo que o senhor é mesmo torcedor do Botafogo.

– Mais do que isso. Estou na foto. Não me reconhece?

Existe um padrão de fotografia para os times de futebol. É sempre tirada antes dos jogos, o que explica o aprumo de meiões levantados e cabelos penteados, as peles secas e limpas sem o suor que, de outra forma, refletiria a luz do *flash* nas testas. Cinco jogadores e o goleiro perfilam-se em pé com os braços para trás e outros cinco se agacham à frente abraçando os companheiros com as mãos apoiadas nos próprios joelhos ou nos vizinhos. Nesta imagem há ainda o braço perdido no canto de um homem vestindo camisa polo branca, provavelmente alguém da comissão técnica. Outros deviam estar no entorno e foram cortados: técnico, auxiliar, massagista e preparador de goleiros. Para o torcedor, que pendura o pôster em toda a sorte de paredes, inclusive na de uma alfaiataria, só interessa o time, os homens que correm, escorregam, chutam, se esticam, se matam e arrematam entre as quatro linhas.

Procurei semelhança entre sua face encarquilhada e os rostos espartanos que variavam em diferentes gradações de inocência e seriedade, do orgulho à apreensão. Não arrisquei indicar quem seria, ainda considerava a possibilidade de ser gozação. Seu olhar de autoencantamento e o sorriso sibilante, porém, indicavam o contrário. Escolhi um jogador e ele, ato contínuo, deu uma risada um tanto excessiva. Não, esse aí é o meu amigo Mauro Galvão. Ele esticou a mão para outro, em pé, no canto direito. Aqui, Vamberto sou eu. Tinha



o mesmo rosto oblongo e o nariz de dorso comprido e encurvado, o olhar de águia, a cabeleira vasta e escurida. Só não tinha a magreza sarcástica nem o prateado dos cabelos de hoje. Tirei o cartão do bolso.

— Seu nome não é Haroldo Ferraz?

— Sim, Vamberto era apelido.

Senti uma estranheza convincente: quem inventaria uma história tão absurda com um jogador desconhecido? Era como se tivesse achado um pacote anônimo com laço vermelho na caixa do correio. Estão vendo esse terno?, contaria aos amigos no dia do meu casamento, foi feito por um campeão carioca de futebol.

— Como foi que o senhor virou jogador?

— Desculpe, meu amigo, depois eu conto — ele disse enquanto guardava a caderneta e a pasta classificadora na gaveta sob a mesa dos moldes. — Tenho outro cliente agora.

— Não pode contar rapidinho?

Anuiu com um sorriso em que os dentes não ficavam à mostra. Desde criança era doido por bola, fugia da aula, jogava pelada, tinha jeito pra coisa. Era bom de cabeceio, magro e veloz, chutava com os dois pés. O bedel da escola descobriu suas escapadas. Foi suspenso. O pai soube, virou uma fera, lhe deu uma surra e mandou ajoelhar no milho, futebol não é profissão, se não quer estudar tem que trabalhar. Eram alfaiates o pai, o avô e o bisavô, gerações de homens medindo e cortando, cos-

turando e cerzindo. Ele passou a ajudar na alfaiataria, comprava os tecidos e embrulhava as peças de roupa. Já tinha desistido de jogar quando um amigo lhe disse: vai ter uma peneira no América. Os clubes fazem isso, um teste para selecionar a garotada da base. A fila dava volta na esquina, cheia de meninos inquietos e barulhentos. Na hora de dividir o time, o técnico perguntou quem era atacante e uns quinze levantaram a mão. Meio de campo? Uns seis. Zagueiros, laterais? Três de cada. E volantes? Todo mundo olhou pra ele, o único que não tinha se apresentado. Durante o jogo, enquanto o amigo prendia a bola e tentava driblar os adversários até chegar ao gol, ele se empenhava no jogo coletivo, marcando, desarmando, trocando passes, ajudando o grupo. Até que chegou o momento da dispensa, todos sentados no centro do campo. O frio das barrigas congelava o ambiente.

— Já sei. Seu amigo foi rejeitado e o senhor passou na peneira.

— O contrário. Ele entrou e eu não.

— Não é possível.

— Não deixei a peteca cair. Passei a jogar todas as noites. Saía do serviço direto para o campo, chegava antes dos outros, marcava tempo no relógio, corria para melhorar a condição física, dava dribles na mochila. Meu pai não tinha do que reclamar porque eu cumpria minhas obrigações.

— Teve uma segunda peneira?

— Não. Descobri que o técnico morava na rua ao lado e tinha uma filha bonitinha. Me aproximei e ela ficou a fim, dei uns beijinhos e pedi pra ela falar com o pai. Em pouco tempo já estava treinando com o time do América, o que não era lá grande coisa.

— E esse nome? Vamberto não tem nada a ver com Haroldo.

— Um roupeiro chamado Humberto parecia comigo. Virou apelido e eu dizia: meu nome não é esse, porem, seus putos. Foi álcool no braseiro, me chamaram de “Humbertinho”, “Bertinho”, “Berto”. Um mais criativo veio com Vamberto e pegou.

\*

Já estava atrasado. Precisava buscar Vanessa na aula para encontrarmos a moça do cerimonial e decidir alguns detalhes do casamento. Enquanto isso, aquele homem esmiuçava sua vida. Gesticulava muito. Esmiçalhava o ar. Esticava uma massa imaginária de pão. Na verdade, ele espichava o tempo.

— Seu Haroldo, me conte rapidinho como foi ganhar aquele campeonato. O senhor foi titular em todas as partidas?

— Se está com pressa é melhor ir. Termino de contar quando vier pegar o terno.

— Não. Espero mais dois minutos.

— Eu estava no América do Recife, lembra? O presidente me chamou no canto depois do treino e disse que um time de São Paulo estava interessado em mim.

— Não foi do Rio?

— Antes teve a Ferroviária de Araraquara.

— Pule essa.

— Preciso contar. Não dá pra simplesmente passar por cima.

Inspirei fundo. Olhei para o teto. Buscava alguma calma enquanto ele contava que não pensou duas vezes ao aceitar a proposta da Ferroviária de Araraquara. O pai ficou furioso quando soube, que burrada, agora não volta a ser alfaiate. A alegria de Vamberto duraria pouco: os salários atrasados e a falta de condições deram razão ao pai. Pensou em largar tudo e voltar.

— E o Botafogo? Como foi? Desculpe, tenho um compromisso agora.

— Antes teve o jogo da Ferroviária contra o Quinze de Jaú. A essa altura eu era o craque do time e a gente precisava vencer pra ter acesso à série A do Paulistão. No coletivo de apronto, o zagueiro Adiel acertou meu joelho esquerdo com força. Inchou. Tive que fazer compressa, joguei com infiltração. Sabe o que é? Uma injeção no joelho pra passar a dor. Fiz dois gols e dei a assistência para um terceiro. Um olheiro do Botafogo estava por lá e me procurou na saída.

— Já chegou no Rio como titular?

— Calma, meu amigo. Tem muita história antes.

O Botafogo não ganhava nada há mais de vinte anos. O título carioca era a terra prometida, o êxodo do derrotismo crônico. A diretoria havia montado um time com divindades do futebol como Mauro Galvão, Josimar e Paulinho Criciúma. Vamberto era um mero mortal disputando posição no Olimpo. Assim como na Grécia mitológica, os deuses do clube não se comiseravam dos mortais. Ele perdeu a conta das vezes que encontrou areia na chuteira antes do treino e pasta de dente no cabelo enquanto dormia na concentração. Ainda o chamavam de paraíba, cangaceiro e retirante.

O campeonato era dividido em dois turnos. Para chegar à final era preciso vencer pelo menos um deles. O Flamengo ganhou o primeiro, a Taça Guanabara. O Botafogo fez a melhor campanha no segundo vencendo a Taça Rio. Naquele ano os dois clubes estavam tão equilibrados que todos os confrontos haviam terminado em empate. Vamberto praticamente não jogou, mal foi relacionado para o banco. A ansiedade aos poucos foi substituída pelo desânimo. Ao final do torneio já não vibrava com os gols do próprio time, era o eterno espectador de uma partida cada vez mais distante.

Um antigo massagista do clube, ao vê-lo cabisbaixo, disse: Você é um craque e será o melhor do time. Não esmoreça. Jogue o que sabe e arrebente. E colocou

uma medalhinha em suas mãos. Era São Sebastião, o padroeiro dos atletas. Vamberto passou encarar os treinos como se fossem jogos.

— Olha aqui, guardo a medalhinha até hoje — tirou da gaveta e a estendeu para que eu segurasse. A essa hora já estava com o cotovelo escorado no braço da poltrona e o queixo apoiado na mão.

Coincidência ou não, ele foi relacionado para os dois jogos da grande final. No primeiro, viu do banco um certame pegado, de marcação intensa e espaços rarefeitos. Os jogadores pareciam calçar botas no lugar das chuteiras.

\*

A estrutura de concreto vibra e faz o chão estremecer. É tudo uma coisa só, matéria fundida no calor da alegria e do caos. Multidões hipnotizadas, idades, cores e gêneros diferentes com os mesmos anseios e medos que tentarão purgar ao final da jornada. Chacoalham os alambrados na cadência irascível de um mar que rebeneta nas pedras. Os sons embaralhados e sobrepostos vêm de imensos alto-falantes, aplausos nervosos, gargantas roucas, buzinas, apitos, chocalhos. Um palco gigante, o maior do mundo, todos os olhos virados para cá.

Ele está à margem. Do banco, assiste a tudo de perto, ouve os gritos, sente os corpos queimando de

entusiasmo, vê respingos de suor decompondo as luzes dos refletores e formando minúsculos arco-íris noturnos. É tudo épico, homérico, parece uma guerra ou como as guerras deveriam ser, a batalha final, o destino dos povos, de todos os povos da terra. Sente-se pequeno, sentado em frente ao sublime, as pernas alternando o sobe e desce, às vezes ele bate o peito do pé contra o tapete gramado que o sustém.

\*

Quando a bola rebatida respingou na exata distância entre Jessé e Canevato, cada um mais desesperado, suas pernas se encontraram osso a osso e as panturrilhas travaram. O choque fez a patela de Jessé se deslocar. Ele gritou de dor e rolou no gramado com as mãos envolvendo o joelho. O técnico Espinosa esticou o dedo na direção de Vamberto. A cena era inédita. O rapaz duvidou e olhou para o jogador ao lado. O treinador repetiu o gesto. Vamberto apontou o próprio peito. Eu? Espinosa assentiu e ele foi para o aquecimento. Faltavam dez minutos. Vamberto pouco tocou na bola, mas deu duas assistências para lances de perigo e um chute por cima do travessão. O jogo terminou num chocho zero a zero. Por ter uma melhor campanha o Botafogo poderia ganhar o título com mais um empate. Mas quem quer ser campeão assim? É a vitória que consagra.

\*

Na desembocadura do túnel, a visão da grama iluminada e o trovejar das arquibancadas gelam a espinha e abraçam o peito. Ele chega ao campo sob o espocar dos flashes, não mais as cadeiras suplentes da faixa lateral, agora está no centro. Estica os braços por trás da cabeça, abre as pernas e toca as pontas dos pés, dá pulos e pequenas arrancadas para que seu corpo vire ar quente e suba ao céu. O juiz apita e o estádio treme, a bola corre, as pernas tremem, todos correm, seu corpo treme, não consegue acompanhar a bola nem os adversários, os pés pesados querem se plantar no gramado. Leva um tempo para que os músculos destravem e o corpo se deixe levar pelo sopro dos deuses. Um vulto atravessa o flanco direito, ginga e ultrapassa a linha inimiga, avança, dribla, projeta a bola na área. Alguém da defesa adversária cabeceia e ela vem voando, pinga na frente dele que, desmarcado, dá um leve toque e a conduz pelo espaço livre até a meta. Surge um oponente e ele aplica um drible, finta o vento, agora ele é o vento e está no exato segundo que antecede a explosão ou o desencanto.

\*

— Fez o gol?



— Está chegando, tenha calma.

Num dia você não é ninguém. No outro, faz milhares de pessoas dar pulos e abraços, punhos e olhares de gratidão mirando o céu, quarenta, cinquenta mil pessoas gritando seu nome.

— Como foi? Me conte, por favor.

Haroldo puxou a manga comprida e descobriu o relógio.

— Desculpe, vou precisar parar. O cliente vai chegar agora.

— O jogo está acabando, seu Haroldo. Não pode dizer como terminou?

— Na semana que vem, quando você vier pegar o terno, eu conto.

\*

Vanessa bateu a porta com tanta força que o carro chacoalhou feito um barco pequeno num mar revolto.

— Quarenta e cinco minutos, Diego, quarenta e cinco minutos. O que vou dizer a ela?

Quarenta e cinco minutos é a metade de uma partida de futebol. Uma quase eternidade em jogos decisivos. Quantas vitórias, goleadas, viradas e reações desesperadas não teriam acontecido nesse período em que deixei minha noiva esperando? Não me disse mais nada. Explicou à moça do cerimonial como queria a festa sem

pedir a minha opinião. Não achei ruim. Enquanto ela escolhia o arranjo de flores examinando um *book*, meus dedos curiosos digitavam o nome Vamberto na busca do celular. Um detalhe estranho deixou minha testa crispada. O semblante severo da minha noiva me fez colocar o aparelho no bolso. Em casa, tarde da noite e precisando acordar cedo no dia seguinte, ainda pesquisei na *web*: Vamberto, Botafogo, campeão. Um alçapão abriu sob meus pés. Eu arriei.

Memória: Vamberto, o herói esquecido. Vamberto — Que fim levou?

Morre Vamberto, campeão com o Botafogo em 1989. O jogador semidesconhecido que num lampejo de genialidade fez o gol do título de 1989, morre do coração depois de passar décadas no ostracismo (Notícia de 5 anos atrás).

\*

O ateliê do alfaiate está refletido no teto. Meus olhos são uma câmera. Ele risca, pesponta, chuleia, levanta-se da máquina de costura e vai para a mesa. Sua roupa agora não é mais o blazer e a calça comprida, está com um uniforme de futebol, é o mesmo homem grisalho que saltita num campo, não há máquina, araras, armário ou mesa, apenas o gramado verde riscado de branco. O velho domina a bola e outro jo-

gador se aproxima para lhe cravar a sola da chuteira na panturrilha.

Quando eu voltar à alfaiataria, o general transmutado em ídolo virá de novo sorrateiro à porta, bem-vindo, meu nobre, e fará um trêmulo salamaleque, me pedirá para esperar na cabine enquanto pega na arara meu terno. Comprimido entre as divisórias do provador, me perguntarei se é melhor esperar ele tocar no assunto para confrontá-lo ou se já conto a minha descoberta, estarei tão tenso que nem vou me preocupar com o caimento da roupa. Ele dará três batidas alegres na porta do provador e, quando eu abrir, sua reação será parecida com a de Ali Babá quando esbarrou no tesouro dos quarenta ladrões. Ficou *show*, dirá em êxtase, não basta a roupa ser bonita, tem que assentar bem. E me arrodará com o olhar, observe a costura sem falhas nem fios soltos, o acabamento perfeito, o arremate.

\*

Seu Haroldo, vi que o jogador já morreu, o senhor devia ser fã dele, é natural, mas não acho certo, sabe. Repeti enquanto estacionava o carro. Variava o sentido à medida que mudava as palavras e a entonação, no começo com a severidade de um pai que ralha com o filho, depois com certo tom de humor para evitar o constrangimento.

O jornal aberto cobria o riso do porteiro enquanto mostrava a página ao zelador, olha aqui, olha, o corno armado correndo atrás do amante da mulher, e eles riam, riam tanto que entrei sem ser inquirido, subi sozinho ao lado do ascensorista tentando achar no teto do elevador as palavras certas. O som dos meus sapatos na madeira do piso reverberava pelo corredor e aumentava minha impaciência. Encontrei a sala apagada. Encostei o rosto no vidro. Descobri o vazio. A luz da tarde fraquejava no interior do prédio ressaltando a solidão da loja deserta. Julguei ter me enganado e conferi o número no cartão: 512. O mesmo lugar onde estive na primeira vez. Voltei alguns metros e toquei a campainha de um consultório odontológico. A atendente veio à porta com um rosto curioso.

— Me desculpe, só queria uma informação. O alfaiate se mudou?

— Alfaiate?

— Aqui ao lado.

— Não conheço, senhor.

— Nessa loja que está vazia.

— Era uma ótica. Fechou.

Não lembro quanto tempo fiquei ali parado. Percebi o constrangimento da moça com a minha reação. Devia ser novata. Chamei o elevador e, ao entrar, fui logo perguntando ao ascensorista: sabe para onde foi seu Haroldo, o alfaiate?

- Não tem alfaiate aqui.
- Um bem antigo.
- Faz dez anos que trabalho nesse prédio, nunca vi alfaiate.
- Um que foi jogador.
- Alfaiate ou jogador?
- As duas coisas. Foi jogador no passado, chegou a campeão carioca.
- Se tivesse uma figura dessas por aqui eu saberia.

\*

A banca parecia uma bola gigante envolvida por gomos de papel. Perguntei ao jornaleiro se ele vendia edições especiais com times de futebol do passado e ele me mostrou uma pilha de pôsteres que fui escarafunhando um a um. A maioria era de campeões de cinco, seis anos atrás, times que eu tinha visto na TV, lembrava dos jogadores. No fim da pilha, entre os cromos mais profundos, encontrei a foto do Botafogo de 1989. Estavam lá Vamberto, Paulinho Criciúma e os outros rostos ansiosos e envaidecidos. Naquele instante não sabiam da glória fugaz que os esperava. Alguns ainda estão por aí, outros morreram. O time permanece. Agora está emoldurado na parede da minha casa.

---

# Lady cherry

Então é ali que ela mora. Na esquina, no prédio de fachada curva e paredes cor-de-rosa, limo-esverdeadas, que não veem tinta há décadas. Se pintassem, se tirassem a loja de roupas do térreo, consertassem a calçada, removessem o tabuleiro de frutas, fizessem um estacionamento. Sábado, começo de tarde, a faixa ao longo do meio-fio está tomada de carros por conta do mercado público que viceja logo atrás. O sinal abre, alguém buzina, Vladimir vira à direita e dá a volta no quarteirão. O flanelinha ergue a mão e aponta uma vaga no canto da rua.

— Assim mesmo, trancando dois carros?

— Isso, doutor, deixe livre.

Abre a porta e o vento quente o faz lembrar que está no Recife. Caminha protegido do sol pela calçada de ladrilhos vermelhos sob a marquise do prédio, mas não a salvo do trinado das bicicletas, do entra e sai das lojas, da música das barracas dos DVDs piratas de *shows* evangélicos e forró eletrônico no máximo volume, das conversas de vendedores e seus tabuleiros cobertos de lanternas, controles remotos, cabos, capas e fontes de celular. À porta da loja de cosméticos um homem berra no

megafone, compre um estojo de máscara para cabelo e ganhe vinte por cento de desconto, só agora, venha, minha amiga, você ficará mais linda, seu namorado vai enlouquecer. Quando toca um brega na barraca de roupas, o rapaz de camiseta regata, calção de nylon e sandália japonesa cola os braços ao peito, fecha a mão e a encosta na testa, começa a bambolear, dois pra cá, dois pra lá, vai bailando até as roupas e tira um vestido colorido de chita pra dançar. Tô fazendo a dança louca todo mundo se envergonha subindo no paredão... toma, toma, toma. Será que Lady Cherry escuta do segundo andar? Vladimir fecha os olhos. Ela corre até o banheiro, abre a farmacinha, tira dois chumaços de algodão e abafa os ouvidos.

Ao abrir a porta, percebeu que o prédio não tinha portaria nem elevador. Subiu no escuro impregnado por um cheiro úmido e azedo, rezando para o apartamento de Lady Cherry recender a patchuli. Difícil acreditar. Era ali. O detetive garantiu. A curiosidade imperiosa e irresistível o fez pegar o avião de volta vinte anos depois. No corredor estreito onde um breu se alongava, acendeu a lanterna do celular para encontrar o apartamento 22. Apertou a campainha. Nada. Apertou de novo. Só então percebeu que estava muda. Deu três batidas hesitantes, a porta se abriu. Atada à parede por uma pequena corrente. Uma mulher espreitou, é ela, Vlad percebeu na hora, apesar do cabelo loiro e do rosto mais redondo. Foi o senhor que mandou a mensagem?

A vista dele se abrumou. As pernas fraquejarem. Desabou. Moço! Ela abriu a porta, pôs as mãos no antebraço e no ombro dele, levou-o para dentro e o acomodou num sofá cor-de-rosa. Vou buscar água com açúcar, ela disse.

Era um apartamento pequeno. Sobre a cômoda dois flamingos em miniatura encontravam os bicos para formar um coração e um relógio encravado em falsa porcelana cheia de relevos, flores e dourados. Ao lado, um abajur lilás revelava sua vida emoldurada na parede: no Chacrinha, segurando um disco de ouro entre dois homens engravatados, cantando num ginásio lotado, conversando com Paulo Ricardo do RPM. Num quadro, uma criança de olhos muito azuis chorava, enquanto uma pequena vitrola amarela repousava num aparador. Será que ainda sai som daquela tampa? O lustre do teto em forma de candelabro tinha apenas uma lâmpada em formato de vela. Através do espelho que cobria um trecho da parede dos pés ao teto Vladimir observou a volta de Lady Cherry. Trocara de roupa. Um vestido de renda, decote canoa, batom bem vermelho. Oferecia o copo que antes devia ter sido de requieijão. Os lábios inchados formando um bico, mesmo relaxados, e as maçãs estufadas do rosto pareciam tão naturais quanto a loirice contrastada à raiz preta do cabelo. Esperou que ele bebesse a água com açúcar, colocou o copo sobre a mesa ao lado da bandeja com



frutas de plástico e puxou uma cadeira para sentar-se ao lado dele, toda olhos e ouvidos.

– Lady Cherry, eu vim de tão longe.

– De onde, meu filho?

– Vim só pra dizer o quanto você é importante pra mim.

– Então diga.

– Fui um adolescente problemático. Meu pai me tratava mal, até minha mãe não me entendia. Sofri muito na escola. Foi sua música que me deu força para enfrentar a vida. Me trancava no quarto, ligava o som bem alto, cantava as letras, sabia tudo decorado, imitava as coreografias.

Os olhos de Vladimir começaram a lacrimejar e ele sorriu de vergonha enquanto encostava o punho nos olhos para tentar enxugá-los. Ela segurou a outra mão do rapaz e a envolveu.

– Meu querido, fico feliz em saber que não fui esquecida. Aquele tempo foi muito bom.

– Estava lembrando daquela música “Não Pare Agora”, eu adorava o refrão: “O amanhã vem cedo, é preciso lutar”. Me enchia de coragem. Tinha outra, um sucesso danado: “Sou assim bem diferente, sou eu mesma e vou em frente”. Me fez enxergar o mundo de outro jeito. Por que você não continuou, Lady Cherry? Os discos eram tão bons.

– Quem fazia as letras era meu produtor, um ar-

gentino picareta chamado Mr. Jack. Ele ficava com quase todo o dinheiro dos *shows* e da vendagem de discos. Eu achava estranho porque sobrava pouco pra mim. Quando cobreí minha parte, Mr. Jack me abandonou e foi produzir a banda Neon Mágico. Passei necessidade, morei no interior, cantei em circo, puteiro, quermesse, aniversário de traficante. Foi quando encontrei o Senhor e virei cantora evangélica. Hoje tenho uma vida digna graças a Deus. Meu nome agora é Angélica de Jesus.

– E você canta onde? Adoraria ver um *show*.

– No culto e nas festas da igreja do Amor em Cristo. Tenho muita música bonita.

– Canta as antigas?

– Sim, com letras novas feitas por um rapaz muito talentoso da igreja. Ele tirou os versos lascivos e aquela coisa de vida desregrada, sem Jesus, compôs verdadeiros hinos de louvor a Deus. Os jovens adoram, dançam, batem palmas, cantam com muita energia. Amanhã tem culto, quer ir comigo?

– Pode ser, Lady Cherry, digo, Angélica.

– Você já tem meu número, não é?

– Sim, contratei um detetive para lhe achar.

Ela fez uma cara risonha de espanto.

– Que coisa mais chique.

– Amanhã cedo mando um zap e a gente combina.

Ela ficou tão feliz que fez um café. Veio com açúcar, meio aguado, e mesmo assim Vladimir tomou a xícara

toda, um dos melhores cafés da sua vida. Ele se despediu apesar dos muxoxos e pedidos para ficar mais um pouco. Deu-lhe dois beijos no rosto e um abraço apertado.

Ao sair, a claridade fez os olhos do rapaz se fecharem apenas pelo tempo necessário para se acostumar. O sol resplandecia entre os prédios e fazia suas paredes fulgurarem. Os pedestres tinham formas mais delineadas, palpáveis e sólidas, carnis e corpóreas. Era como se ele tivesse colocado óculos para filmes em terceira dimensão. Cada rua, viela, travessa e a avenida por onde andava fervilhavam de pessoas, árvores, luzes e cores. As roupas de toda as gentes formavam um grande arco-íris urbano.

---

# EXPOSIÇÃO

1.

Apareceu na janela como um sol risonho acenando através do vidro. Precisei de tempo para entender que era comigo. Fomos apresentados na véspera e já vinha me chamar para almoçar; não posso, respondi, preciso terminar uma planilha. Eu espero. E me relanceou com discrição enquanto folheava o manual de novos funcionários. No caminho do restaurante matraqueou sem parar, gesticulou até quase acertar a mão em um passante e por pouco não me fez tropeçar num buraco da calçada. Elogiava o novo trabalho como se o escritório fosse uma espécie de Olimpo da contabilidade mundial. Eu olhava em volta constrangido, com medo de aparecer alguém rindo e apontando para nós. Tentei replicar, ele me exortou a não ser tão pessimista. O almoço inteiro teve sua voz reverberando as notícias da TV do restaurante, aguardando minhas reações e, quando não eram claras, perguntava a minha opinião. Parecia querer me agradar o tempo todo e só descia do muro se eu me posicionasse, então fazia um comentário de anuência e repetia com outras palavras o que eu havia dito. À espera do cafezinho percebi que estávamos vin-

te minutos atrasados e me levantei para pagar a conta direto no caixa. E o café?, ele perguntou. Deu vontade de mandar metê-lo no rabo, mas respondi que ficava para outra vez. Se voltar a almoçar com esse cara vou precisar ativar o alarme do celular.

Parece que tomou gosto. Mesmo quando me vê atarefado com uma licitação entra na sala e senta em frente à mesa, espera o tempo que for para perguntar as novidades e sugerir um almoço. Ah, sujeitinho inoportuno. Por que não lhe dão mais serviço? Não sei dizer não, já vi que é meu maior defeito.

Quando a manhã já ia terminando sem sua visita, fui à sala dele para tirar uma dúvida sobre o custo da mão de obra. Abriu um sorriso franco e aproveitou a deixa: Vamos almoçar? Nem estava com tanta fome, mas pensando bem era melhor a gente ir mesmo, precisava aproveitar esse intervalo porque no começo da tarde teria reunião. Ele me perguntou o tema, o que pretendia mostrar, como esperava convencer meu chefe da melhor alternativa. Estranha telepatia passou a estabelecer com meu estômago. Bastava um leve ronco para ele surgir no corredor. Quando nosso almoço já era rotina ele faltou mais uma vez. Devia fazer pequenos testes da minha estima. Me senti livre e peguei o telefone para convidar outros amigos. Na hora lembrei do meu planejamento para o ano seguinte, faltava a previsão de treinamentos por setor. Quem podia me

informar? Liguei para seu ramal e ele me passou os dados com uma solicitude comovente. Antes de desligar, emendou:

- Olha.
- O que foi?
- Já almoçou?

Nas segundas-feiras eu comentava o futebol do domingo guiando a conversa qual um afogado capitão ao leme do navio. Ele sorria, aquiescendo com a cabeça, tecia breves comentários sobre os resultados e no máximo descrevia alguns gols. Até o dia em que falou dos três a zero do Sport sobre o Santa na véspera. Para testá-lo, menti que não havia assistido o jogo. Ele, empolgado, descreveu um domínio que não existiu, como se o placar dilatado não tivesse acontecido por falhas bobas do goleiro e da zaga adversária.

- Você viu mesmo esse jogo?

Ele baixou os olhos enquanto o lábio superior começava a trepidar.

- Alguns lances.
- Gosta mesmo de futebol?
- Mais ou menos.
- Por que comenta?

– Sei que você adora — disse, enterrado num entulho invisível. — Então procuro os resultados na Internet domingo à noite.

Toquei seu ombro com a palma da mão e a contráí, disse a primeira coisa que me veio à cabeça: “Vamos em frente, meu amigo”. Ele colocou a mão por cima da minha e fechou os olhos. Dei dois tapinhas em suas costas e falei do projeto de implantação do sistema SAP no setor de contabilidade.

Meu chefe arreganhou os beijos (uma tentativa de sorriso?) e arqueou a sobrancelha, apenas uma, não sei ele como conseguia, tentava imitá-lo em frente ao espelho e as minhas se erguiam sempre juntas.

– Mas já esse relatório? Ainda falta um mês para terminar o semestre. Está com tempo livre assim?

– Não é isso, chefe, você sabe que sou ocupado. Só não quero deixar para última hora.

– Vai precisar dos dados do departamento pessoal. Aquele povo complicado. Se eu não falar com o gerente, não vão te passar – foi pegando o telefone.

– Não precisa.

– Sozinho você não vai conseguir. Não lembra do semestre passado?

– Tem um funcionário novo que pode me ajudar.

– Tem?

Na fila do caixa, momento de distração, meu rosto em sua nuca. O cheiro quente, doce e úmido fez minhas mãos suarem. Tive que espalmar a parede. Perce-

beu minha vertigem e segurou meus braços com força para evitar a queda, pediu uma cadeira e um copo d'água e eu, constrangido, disse que não precisava, foi só uma queda de pressão. Mesmo assim pegou um cardápio de papel e ficou me abanando enquanto eu pagava a conta. A partir daí sempre perguntaria pela minha saúde, como se eu fosse um doente crônico. Talvez fosse.

Se houvesse uma câmera detectora de calor, como naqueles caças americanos que voam à noite e bombardeiam cidades, seria possível perceber através do vidro dois pequenos pontos se acenderem quando virei o corredor. Os olhos me acompanharam enquanto eu entrava na sala e me encaminhava um tanto embaraçado até a mesa onde eles estavam. Conteí que tinha vindo buscar alguns dados e ele me pediu que sentasse, perguntou alguns detalhes e se virou para garimpar arquivos no computador e enviá-los ao meu e-mail. Antes que me levantasse, tirou um livro fino e pequeno debaixo de uma pilha de papéis para me mostrar. Na capa, a sombra de uma mão encobrindo um recipiente cônico de fundo chato, desses usados em laboratório, o nome do autor Robert Louis Stevenson e, abaixo dele, dois títulos: *O Médico e o Monstro*, *O Estranho Caso de dr. Jekyll e sr. Hyde*. Já leu?

— Conheço a história. Nunca me interessei. Não é meio bobo?

— Leia, por favor. Adoraria conversar com você a respeito.



Mesmo se não gostasse seria mais um assunto para nossas conversas. Comecei a ler em casa naquela noite. Terminei o livro às duas da manhã. Tinha marcado de sair para jantar com a minha noiva. Avisei que estava cansado e dormiria cedo. Ela respondeu alguma coisa, nem lembro o que foi. O almoço com ele no dia seguinte foi permeado por comentários, balançares de cabeça e apartes sobre os conflitos do médico Jekyll, o quanto era difícil para ele ser diferente, a liberdade de experimentar a própria essência. Quando nos despedimos para retornar ao trabalho, ele recusou o livro.

— Fica com ele. É seu agora.

Um bicho-carpinteiro me roía os sentidos e eu desatracava, ficava à deriva no trabalho e só ancorava quando surgia algum motivo, às vezes criado por mim mesmo, para ir a sua mesa. Depois de vê-lo, precisava me amarrar como um balão de hélio à cadeira para não sair flutuando. Passei a carregar o livro por todo canto e o contemplava sempre que abria a pasta para pegar a carteira ou uma caneta, analisando sua capa, folheando-o por instantes.

A cadeira vazia. A pilha de papéis intocados sobre a mesa. O computador desligado. Um silêncio ensurdecador. No entorno, os colegas se dedicavam a anotações, contabilidades, assinaturas, confabulações, regis-

tros, protocolos, combinações, inventários e planilhas. Uma normalidade inquietante.

— Preciso falar com o novato. Alguém tem notícia dele?

Perscrutei os rostos de um e de outro. As respostas não foram além de testas franzidas e olhares entrecruzados. Comecei uma mensagem no celular: está tudo bem? Desisti. Podia ter ido ao médico para uma consulta. Devia ter me avisado. Somos amigos, não somos? No outro dia a mesma coisa. Morreu? Saiu do emprego e ninguém me disse? Mandei a mensagem esboçada na véspera e cada espiada confirmava o oco da caixa de entrada. Almocei com o celular em cima da mesa apertando a tecla para tirá-lo do descanso de tela. À tarde, durante uma reunião de rotina com o chefe, vi a resposta: estou doente. Devo voltar amanhã. Estendi um sorriso como quem desfralda uma bandeira na janela.

— Alguma notícia boa? — O chefe apontou para meu telefone.

— Não. Nada importante.

— Então presta atenção no que estou falando.

Me apressei em guardar o celular no bolso e represei a alegria até fechar a porta da sala atrás de mim. Era egoísmo comemorar a doença de alguém? Não deve ter sido nada sério, um resfriado talvez. Um respiro para meus miolos escaldados.

No outro dia, logo cedo, mandei imprimir uma página na gerência de RH, evitando usar a impressora da minha sala só para passar no corredor ao lado dele. Estava sentado em frente ao computador. Entrei pelo canto junto à divisória e o fitei de perfil. Parecia esmorecido, os olhos estáticos em direção à tela. Me aproximei por trás e coloquei a mão em seu ombro. Percebi um leve estremecimento. Mesmo assim não se virou, continuou digitando tecla após tecla como um robô hesitante.

– Está melhor?

– Acho que não.

– Foi ao médico?

– Depois a gente conversa. Preciso terminar esse trabalho.

Me desculpei e fui trabalhar. Bem feito para aprender a cuidar da vida, dos indicadores de performance e do relatório semestral.

No sábado, deitado no quarto, TV ligada, vejo imagens se embaralhando enquanto as pálpebras começam a pesar. Os vidros da janela, recobertos por um filme preto, impedem a entrada do resto de claridade da tarde. Apago a luz e afundo na escuridão. Escuto um murmúrio se deslocando pelos cantos. Acendo a luz. Não há nada. De volta à modorra, a voz retorna. Meus olhos parecem selados por cola e os músculos imóveis como num acesso de catalepsia; me sinto um inseto

numa teia de aranha, um *looping* eterno de quase sono e quase despertar. Descortina-se uma figura grotesca, monstruosa, de nariz comprido e dentes protuberantes. A muito custo consigo esticar o braço e acendo a luz. O travesseiro tem a marca da minha testa molhada de suor. Um pesadelo, culpa daquele livro. No celular, ainda cinco da tarde, a chamada não atendida da minha noiva e uma mensagem de texto dele, preciso falar com você. Me apresso em responder e o aparelho escorrega da mão, escolha um bar e a gente se encontra. Nova mensagem e meu pulso dispara, estou agora na exposição de animais, venha.

Observei a tela por alguns segundos tentando descobrir se era uma mensagem cifrada. Quem sabe a exposição de animais fosse uma figura de linguagem e não o evento num parque que reúne cavalos, vacas e cabras, *shows* de música sertaneja e o espetáculo da “Monga, a Mulher Gorila”. O último lugar na Terra onde esperaria encontrá-lo. Isso é alguma brincadeira? Não, ele respondeu.

O parque era enorme e eu precisava de coordenadas mais precisas. Em que lugar?, perguntei. Fiquei no vácuo. Mesmo assim decidi ir ao parque, assumindo o risco do desencontro. Debaixo do chuveiro escutei o toque do telefone, me abracei à toalha e deixei um rastro molhado no piso do quarto. Era minha noiva. Não atendi, depois inventaria uma desculpa.

2.

O caos na via transversal à avenida do parque com vozes sobrepostas e emaranhadas de mulheres e homens pedindo ou oferecendo coisas e vendedores de água e cerveja com suas caixas de isopor na calçada disputando fregueses no grito me obrigou a caminhar na areia da rua. Junto ao muro, uma floresta artificial de varas finas de madeira frutificava sacos de algodão-doce cor-de-rosa, guloseimas sempre negadas durante a minha infância porque mamãe dizia que os sacos eram inflados pelo sopro umectado de bactérias dos vendedores. Dentro do parque, uma rua levava até o portal coberto por uma fachada larga com a palavra “Entrada” em letras gigantes. Ao lado, a bilheteria era uma estrutura de madeira dividida em diversos guichês de onde partiam filas imensas. Homens de bonés e chinelos Rider, camisetas em malha sintética e bermudas de tacetel. Mulheres de vestidos cor-de-rosa, estampas de oncinha ou cores berrantes, calças jeans cheias de brilhos costurados e rasgos à altura do joelho, bolsas de couro falso penduradas nos ombros. Crianças vestidas como adultos em miniatura, muitas, gritando e correndo, perturbando meu juízo já impaciente. Paguei quinze reais pelo ingresso ao cambista, não queria perder tempo na fila para comprar por dez. Seis catracas mediavam o acesso e aglomeravam ansiedades, o fluxo era maior do que

a velocidade de seu giro. A multidão entrava no parque lenta e inevitável, como uma enchente invadindo a cidade. Senti uma aflição descomunal. Como o encontraria no meio daquele turbilhão?

Uma voz metal-sonante saía das caixas de som: No restaurante Tia Maria você encontra o melhor baião de dois, venha conferir, o restaurante fica na rua da estátua do boi. Vi meu avô sentado à cabeceira da mesa de toalha quadriculada e eu no colo da minha mãe para poder alcançar o prato. Daqui a pouco, não percam o concurso de cavalos castrados de marcha picada e marcha batida. Papai já teve um cavalo antes da loja falir, lembro da minha irmã na hípica com o mangalarga marchador e eu me aborrecia porque só podia montar no cavalo se um adulto puxasse as rédeas. Agora uma sanfona plangente nos alto-falantes e o lamento: Quando batem as seis horas, de joelhos sobre o chão, o sertanejo reza a sua oração, ave Maria, mãe de Deus Jesus, nos dê força e coragem pra carregar a nossa cruz. Eu carrego uma cruz na minha carne nervosa, um sentimento mascavo, maldito e murado que me insulta e humilha, conflagra demônios lúbricos para dominar as minhas vontades.

Pôneis na grama amarela-descuido, crianças sentadas nos pôneis, o garoto pequeno e a menina pesada, pesada demais para o animal, parentes circundam, sorrisos no rosto, celulares em punho. Outros pôneis ao fundo presos em cercados, esperando o desfile e, quem

sabe, o aluguel. Uma adolescente acarinha uma crina, pessoas passam e não prestam atenção, talvez seja caro o passeio de pônei, talvez seja triste a espera de alguém; eu sinto pena dos ignorados, eu sinto pena daqueles que giram, daqueles que giram e terminam sós.

Duas mulheres transpõem a multidão ao meu lado com um encanto profano que me faz aligeirar o passo e seguir sua trilha o mais discreto possível, virando o rosto para os lados e espichando os olhos de través. São parecidas, o mesmo cabelo curto dos lados com finas costeletas descendo à altura do lóbulo da orelha e o mesmo estilo de jeans e camiseta. Passam num estande de motocicletas com vários modelos de baixa cilindrada e seguem para uma barraca de agricultura familiar, onde a mais velha pergunta o preço de uma garrafa de mel enquanto a outra examina um queijo artesanal e experimenta iogurte caseiro. Um quadro de madeira entalhada com a paisagem de uma cidade do interior chama a atenção, apontam e sorriem de um jeito feliz como se reconhecessem o lugar. Depois se dão as mãos de um jeito tímido e saem como numa idílica cidade gravada em madeira sem olhares enviesados nem maledicências. Na outra margem da rua, um senhor de cabeça branca posa para uma foto ao lado de um ônibus estacionado. A fotógrafa é a esposa também grisalha e eu queria saber o quanto os dois percorreram para chegar até aqui. Esquadrinho as ruas lotadas à procura

do meu amigo, sem sucesso, e a esperança de encontrá-lo mirra a cada segundo. O casal de namoradas vira o motivo fortuito do meu interesse no lugar. Em certo momento, quase as perco de vista tentando desviar de uma jovem que me oferece amostra de chope artesanal e de dois garotos jedis numa luta com sabres de luz à pílha. Aperto o passo para alcançá-las enquanto entram num estábulo com bois e vacas perfilados em frente a extensos cochos recheados de forragem. Que cheiro de bosta de vaca, a mais jovem comenta, isso aqui é um programa de índio. Não, não é, a outra responde com o rosto hirto, e acaricia o lombo de um animal, abrindo e fechando a mão enquanto os dedos roçam a pelagem. As cores dos bichos parecem as mesmas de longe porém, vistas de perto, variam numa gradação do branco gelo ao cinza. Pequenas correntes atam os pescoços a cordas amarradas à base do cocho e mantêm suas cabeças baixas protuberando ainda mais as corcundas. Uma vaca dobra-se sobre seu corpo e deita no chão de areia, não de lado como um animal doente, mas apoiada nos joelhos com uma aparente ingenuidade servil. Do outro lado, um bezerro se desamarra do cocho, sai da barraca e caminha despreocupado pela grama, fotografado e acarinhado pelas pessoas como um pequeno astro de TV numa convenção de fãs de cultura pop. Em vez de ganhar o mundo, ele voltou para o estábulo e ficou ao lado de uma vaca esfregando-se no seu dorso com um



carinho de filho. Ao lado, outro animal adulto deve ser o macho, compondo assim um típico núcleo familiar.

A mais jovem se achegou e as duas uniram as bocas ternas e confiantes. O mundo não importava. Tanta paixão e a sintonia serviram como o canto de sereia. Aos poucos, todos à volta foram deixando de apreciar o gado para mirar o beijo. Fagulhas saíam dos olhares indiscretos, viraram ondas de calor arremessadas contra as duas. O ar se tornou mais quente, quase irrespirável. Uma senhora mais velha refutou a cena com um lento balançar de cabeça e mãos na cintura. Homens desviavam crianças para o lado. Ainda assim, as duas insistiam. Ansiei para que saíssem logo, antes de vir algum tipo de retaliação. Elas continuaram por intermináveis segundos que congelaram meu sangue. Depois de se afastarem, a mais velha passeou as pontas dos dedos pelo rosto da outra com extremo vagar. Olhou o relógio e um sorriso se espalhou no rosto, segurou a mão da outra e a conduziu por uma saída nos fundos do estábulo. Eu, poço de desfaçatez, me precipitei em seu encalço.

As pessoas, as mesmas que tinha visto na entrada, se amontoavam nas filas dos caixas e aguardavam em frente às barracas identificadas por adesivos nas fachadas (Pão de Queijo da Tia Marica, Salgados do Zé Limeira, Pastel Frito na Hora, Pastelão da Ana Rosa, American burger) pelas frituras resgatadas do óleo para, por

fim, sentar-se nas cadeiras de plástico quase coladas às mesas quadradas brancas e comerem seus milhões de calorias sem gosto. Meu receio de que as amantes parassem na praça de alimentação improvisada para lanchar e eu precisasse fazer o mesmo veio à tona quando a mais nova apontou para um dos *banners*. A outra fez uma careta de desaprovação e as duas prosseguiram sob olhares faiscentes das pessoas à beira das barracas, rostos parecendo cobertos por máscaras de um coro grego com uma expressão de raiva e dor apontando, escarnecendo e amaldiçoando o casal que agora se afastava mais e mais. Na barraca de tiro, o rapaz deixou de mirar os alvos, pacotes de salgadinhos, para se virar e assistir às duas que passavam abraçadas em seu flanco. Ele abraçou com força a espingarda de chumbinho contra o peito e disse alguma coisa ao proprietário, que anuiu com breves movimentos de cabeça. O esgar da face demonstrava seu asco.

As mulheres enlaçadas seguiram rente ao muro por um trecho deserto do parque. Lá fora, na avenida, buzinas de automóveis me lembravam que a realidade não estava distante. Bancos de concreto margeavam o caminho e suspeitei que escolheriam algum deles para ficar, o lugar parecia clandestino o suficiente para um momento romântico. Elas nem levaram em conta, seguiram até um canto do parque onde o muro fazia um L. O trecho era delimitado por um gradil e um portão,

formando um terreno cercado de mais ou menos dois por quatro. Ao perceberem o portão entreaberto com o ferrolho deslocado para trás e o cercado vazio, as duas trocaram olhares sorridentes e cúmplices e retomaram o percurso abraçadas com uma tranquilidade que beirava a insolência. A trilha terminava num punhado de árvores de troncos grossos, sete ou oito, tão próximas que os galhos se entremeavam. A luz do poste obscurecia-se nas árvores e projetava os contornos negros dos troncos, galhos e folhas no muro, como um teatro de sombras. As árvores estavam paradas, a noite quente não tinha vento. Apesar disso, as sombras assumiam formas que pareciam se mover no muro, como se fossem pessoas em conversas e caminhadas, casais dançando em diferentes variações de *pas de deux*. Perplexo, me aproximei ainda mais enquanto as duas adentravam o pequeno bosque. O muro era uma tela, uma tela de cinema invertido exibindo vultos de casais lânguidos, alguns de mãos dadas, outros abraçados num imenso e interminável passeio. As mulheres que eu seguia não estavam mais entre as árvores, haviam se transmutado para o muro, pude identificar a digressão das silhuetas entrelaçadas.

Então ele apareceu. Embrenhado no indecifrável, sólido e perene, silente e gracioso como uma escultura de Bernini, me chamando sem pedir, me querendo sem ardor, parecia estar ali entre as árvores desde o início,

esperando que eu fosse abraçá-lo e cobri-lo de beijos e que lhe desse a mão para entrarmos ombreados na fissura do tempo e percorrermos felizes o mundo invertido. Era um sol, ardente e fulgurante, que se encobria por uma nuvem negra, me atraía e rechaçava, espantava e embevecia. Fiquei imóvel contemplando aterrorizado o destino que se me oferecia impreciso e encantador. Me veio a lembrança do coro grego e suas máscaras acusatórias, fiquei inerte, arfante, dois mundos colidindo aqui dentro. Tivesse ele dito o meu nome e feito um sinal desequilibraria a irresoluta balança, me empurraria no desfiladeiro. Percebeu minha dúvida e nada falou. Seu sorriso foi se esvaindo como água salgada na areia da praia, desfigurando-se numa expressão de angústia. Começou a gritar e gritou tanto que a voz se tornou roufenha, fui recuando, a princípio devagar, então me virei e com passos curtos fugi para onde havia luz, encostei-me na lateral de uma barraca do parque, a boca aberta e uma dor aguda no peito, espalmei a mão contra o tórax e, de olhos fechados, ergui o queixo e puxei todo o ar que pude.

Eram dez da noite e a multidão saía lenta, apinhando o portão e tomando as calçadas e ruas transversais. Os jovens soltavam gracejos relembrando algum momento engraçado, quem sabe algum deles tivesse tentado sentar num pônei e ele não aguentou seu peso. Idosos sorriam satisfeitos, deviam ter reencontrado uma

sensação da infância. Homens e mulheres ombreados, alguns silenciosos, outros conversando com os filhos, crianças contentes com seus brinquedos e doces à mão. Enquanto isso, os animais do parque dormiam em seus estábulos, gaiolas, viveiros, baias, apiários, canis, aquários, redis e cocheiras. Talvez sonhassem.

---

# A última noite de José Wilker

*(...) Pois a vida é tua,  
e se nem sempre é possível amá-la,  
tens o direito (ao menos) de editá-la.*

**Paulo Henriques Britto**

Todos fazem a mesma pergunta. Aqui e na pequena multidão abaixo do letreiro aceso. O homem calvo conversa com o senhor grisalho, balança a cabeça numa negação que, na verdade, é uma concordância. O rapaz de orelha alargada por uma argola, de braços cruzados, observa o céu à procura de Deus entre as nuvens que cismam em cobrir o teatro. A moça de camiseta amarela e cabelo crespo se encosta na grade metálica e mira um ponto incerto. Todos fazem a mesma pergunta.

O guarda de trânsito se aproxima do carro em fila dupla na esperança de desfazer o caos. A porta se abre, sai uma senhora magra de vestido preto e justo, óculos escuros e um xale cobrindo os cabelos como um véu islâmico. Faz o homem fardado recuar e baixar a cabeça

em reverência. Ela caminha apressada, cabeça erguida e olhar fixo no portão gradeado que limita o acesso ao hall de entrada do teatro. O rapaz com microfone na mão aperta o braço do que opera a câmera e faz um leve erguer de cabeça na direção da mulher como quem diz é ela, vamos lá. Mais microfones e câmeras a encurralam, seu rosto está aflito, o nariz vermelho.

— Começamos juntos no teatro jovem na década de sessenta. É muita coisa. Ainda não realizei que não vou ter mais esse amigo.

Ali, o galego de *Malhação*, alguém comenta atrás de mim. O rapaz diz alguma coisa no ouvido da namorada, larga sua mão e atravessa a rua na direção do burburinho. É jovem e, mesmo sem nada relevante a dizer, quer falar. É importante para a carreira, estudar no Tablado e fazer curso de formação não é mais diferencial, tá cheio de ator desempregado, a gente é um produto e tem mais é que se vender. O mar de microfones lhe banha o rosto bronzeado.

— Só tenho boas lembranças dele — ele diz. Apon-ta para a câmera: — Zé, seu exemplo ficará com a gente pra sempre.

O homem de cabelo cor de prata vira a esquina e tem um sobressalto: gente, câmeras, rua cheia de buzinas. Queria ser o Moisés do Mar Vermelho e abrir passagem nos microfones. Diz baixinho como quem repassa o texto de uma peça: vou guardar as lembranças com gra-

tidão, vou guardar as lembranças com gratidão. A frase não é boa, precisa de mais impacto e ele arrisca: morreu um gigante, estamos todos órfãos. Órfãos? Como pode sentir-se órfão de alguém mais jovem do que ele? Baixa a cabeça e cobre os olhos com a mão, o polegar e o dedo médio em cada têmpora simulando sofrimento. Ninguém o percebe, nenhum repórter de TV, site de fofocas ou estação de rádio.

A fila começa na calçada, entra no hall, segue o corredor, sobe três degraus e passa pelo palco num vagar afetuoso, melífluo, viscoso. Alguns se detêm, vergam os ombros, comentam à surdina, aparam as lágrimas com lenços brancos e balançam a cabeça como se só agora assimilassem. As cadeiras vermelhas se ocupam de gente que não veio para um simples relance. É a plateia do palco derradeiro.

Com precisão ostensiva o repórter escolhe populares para entrevistar no meio do alvoroço. A garota de cabelo azul aperta o caderno contra o peito ao relembrar um personagem da novela. À medida que fala, relaxa o braço e deixa entrever na camiseta a logomarca de um sorriso. O homem de pescoço largo e orelha deformada trai uma lágrima ao recordar o último papel de novela. A senhora de cabelos brancos e vestido florido evoca um bordão tantas vezes repetido. Por um momento, as rugas da testa se desfazem para que um sorriso raro e contrastante com as fisionomias em volta



lhe ilumine o rosto. O rapaz magrinho começa a lembrar algumas cenas sem saber o que fazer com as mãos nem onde fixar os olhos. Mesmo que ele não tenha vindo para o velório e estivesse passando na calçada para ir à padaria ao ser abordado pela equipe de TV, mesmo que o repórter lhe tenha soprado o nome de um personagem que de outra forma ele não lembraria, ainda se desvela um encanto em sua fala que atravessa a lente da câmera, passa pelos cabos de sinal, transmite-se nas antenas espalhadas pelas cidades e aquece a tela do aparelho de televisão.

A mão toca meu ombro e desvia a atenção. Todos me observam. A atendente me observa. Ela está em pé, atrás da bancada.

— Herculano Pimentel? Seu Herculano? Pode entrar. Consultório 3.

— Bom dia, Herculano, senta aí.

Doutor Orlando não tirou os olhos do computador. Dava pra ver o site da loja onde ele clicava e abria uma nova janela, clicava e abria, várias páginas abertas, amontoadas. Clicava e abria outras mais.

— Estou precisando comprar uma coisa e não lembro o que é. Trouxe os exames?

Meu sim saiu torto, quase inaudível. Entreguei o envelope grande com a lâmina preta desenhada. Parecia um mapa, o mapa de um pântano de vísceras. Entreguei

outro envelope menor, branco, com papéis A4 cheios de tabelas e números. Foram os resultados que pegara na véspera depois de uma espera aflita. Em casa os coloquei sob a luz da luminária da biblioteca na tentativa inútil de clarear o futuro.

— Então, doutor, tudo bem? — Falei com um leve arquear sobre a mesa dele.

O médico retirou os olhos da lâmina por um segundo e me encarou por cima dos óculos estacionados na ponta do nariz. Nada disse. Voltou a examinar o callhamaço. Tamanha averiguação não podia ser boa coisa.

— A vida é feita de escolhas — ele disse. — E de sorte. Sem sorte a gente não é nada.

— Alguma coisa errada?

— Nada. Não vejo nada.

— Nada? O exame deu errado?

— Só o Colesterol LDL um pouco alto.

— Alto quanto?

— Cento e cinquenta.

— Qual é o máximo?

— Cento e trinta.

— Então está muito alto?

— Melhor não dar colher de chá pra urubu.

— Explique melhor, por favor.

— Está caminhando?

Lembrei da escola, quando o professor passava uma tarefa de casa e eu esquecia.

– Faz diferença, doutor?

– Claro que sim.

– De vez em quando.

Não tinha desculpa, morava perto do parque, podia andar toda noite na volta da Universidade.

– E remédio? O senhor não vai prescrever nenhum?

– Melhore seus hábitos. Daqui a um ano a gente conversa.

– Soube de José Wilker?

– O ator?

– Sim. O que o senhor acha que ele teve?

– Ah, meu amigo, pode ter sido tudo e ao mesmo tempo nada.

– Como é que o homem janta com a namorada e morre em seguida?

– Prefere morrer de barriga vazia?

– Não, só queria uma explicação.

– A morte não tem explicação.

– Então o que eu estou fazendo aqui?

– Você veio se esconder da morte. José Wilker não conseguiu. Alguma coisa o denunciou: olha aqui, Dona Morte. Diabetes, pressão alta, aterosclerose.

– Aterosclerose?

– A parede da artéria fica irregular e grossa. O espaço se estreita e não chega sangue no coração. Então fudeu, meu amigo, é o infarto — ele disse com uma

batida do oco da mão direita fechada na palma da mão esquerda e uma gargalhada curta jogando a cabeça para trás.

– O senhor ri?

– E vou chorar?

A tinta preta escapou do mata-borrão do cérebro e escorreu por detrás da testa até inundar a vista.

– Que cara é essa, Herculano? Conceição, corre aqui.

A cabeça gira, o braço aperta, quinze por doze, tome o comprimido, a figura magra de túnica negra e capuz, a foice em punho, me espera na esquina, cheiro do mar, maresia com sargaço, tenho dez anos, acabei de chegar na casa de praia da minha tia com papai, mamãe e meu irmão. Deixamos as bolsas e sacolas na sala e corremos para a praia. Vlad, mais novo, vai na frente alternando pulinhos na mesma perna, papai e mamãe vêm atrás de mim, meu pai chuta a bola de plástico que rodopia no ar e cai no resto de onda, corro pra tirar a bola do filete de água. Aparece um cachorro branco e grande latindo na minha direção, está vindo, vai me morder. Bagre!, um homem com chapéu de palha grita de um ponto mais alto da areia. É o dono, empurra uma bicicleta carregada de cocos que vende na praia. O cachorro com nome de peixe vai ao seu encontro agitando o rabo. Aproveito e chuto a bola, que trisca a água

e para num monte de areia. Bagre corre no encalço da bola e, ao se aproximar, começa a latir e rodopiar até que o dono passa ao lado. Ele o acompanha. Me sento no raso e os observo cada vez menores até sumirem. Meu irmão, na parte seca da areia, levanta os braços esticando-os acima da cabeça; inclina-se à frente e coloca a mão direita no chão. Ele ergue a perna esquerda e suporta o peso do corpo na perna direita já dobrada enquanto coloca a mão esquerda lado a lado com a direita no chão, as pernas esticadas no ar formando um V, o peso do corpo equilibrado nos braços, os ombros e o tronco servindo de apoio, a cabeça para baixo durante alguns segundos até girar e cair com delicadeza sobre as pernas um pouco arqueadas. Eu aplaudo, corro para abraçá-lo. Vlad dança alegre comemorando a manobra perfeita. Isso não é brincadeira de homem, rapaz, diz nosso pai, agora uma carranca.

— Foi só um susto, seu Herculano — disse a assistente enquanto tirava a braçadeira. — Doze por oito, o senhor está novo em folha.

— Pode ir, Herculano. Conceição, marca a volta dele pra daqui a seis meses. Preciso comprar uma coisa aqui — disse o médico sem me dar nenhum centavo a mais de atenção enquanto vasculhava a tela à procura do que nem sabia.

— Nenhuma recomendação, doutor?

— Alimentação saudável, meu amigo. Caminhada. Caminhada, caminhada, caminhada. Hoje mesmo, entendeu?

Vômito, suor frio, fraqueza intensa, palpitações, falta de ar, tontura, mal-estar, enjoo, palidez, queimação no estômago, aperto na garganta, dor na axila, dor no braço esquerdo. O coração aperta, dor maldefinida, surda, aloja-se entre o lábio inferior e a cicatriz umbilical e se espalha para o braço direito. Há casos em que dói o queixo, doem as costas. Se durar mais de vinte minutos terei que pedir ajuda, ligar para alguém. Ligar pra quem?

Eu visto uma camiseta branca de algodão e uma bermuda de sarja. Podia ser um short. Bermuda é melhor, homem de pernas compridas e calção fica parecendo jogador de futebol dos anos 80, um negócio desproporcional e vulgar. Na falta de tênis, calço um sapato esportivo de couro, a sola fina e sem amortecimento, dizem, é imprópria para caminhada. Preciso comprar um tênis novo daqueles modernos e caríssimos, caso contrário o impacto do pé no asfalto vai fazer meu menisco virar farelo. Melhor esperar o tênis? E se não tiver na loja?

Espreito o parque através da grade. Lotado. O povo corre, pedala e faz abdominal na esperança de compensar os excessos do fim de semana. Segunda é o dia da culpa. O ânimo persiste na terça, abranda na quarta,

esmorece na quinta e some na sexta. Quantos passos preciso dar para reduzir vinte miligramas de colesterol em cada decilitro do meu sangue? Em que velocidade? Doutor Orlando devia ter dito.

Fila na calçada em frente à barraca de tapioca, cascas de coco amontoadas no chão ao lado de outra barraca e mais gente acumulada esperando o vendedor manusear o facão para servir a água e a polpa, um carrinho de sucos, outro de churrasquinho, um quiosque de açaí na tigela, estou numa guerra desviando de minas terrestres e a batalha continua dentro do parque, pista cheia, amigas em conversas caminhanças, casais de meia-idade, jovens, velhos, crianças e cães, grupos de corrida que me ultrapassam, moças bonitas com cabelos em rabos de cavalo bamboleantes e convidativos, tenho pressa e a sensação de não queimar calorias. Meninos em patinetes, bicicletas e patins invadem a pista e se colocam em perigo. Me colocam em perigo. Há gente à margem que não anda nem corre, apenas observa o movimento e se descuida dos colesteróis, triglicerídeos e açúcares. Duas mulheres vestindo terninho, sentadas no banco de pedra, conversam e reparam quem se exercita. Será que fazem planos para voltar amanhã com a roupa adequada ou apenas julgam os corpos passantes? Uma garota eleva o celular à altura do peito e coloca a mão na cintura enquanto lê a tela, balança a cabeça e esquadrinha o parque com olhar apreensivo. Na minha volta seguinte

estará sentada escrevendo no celular, talvez um bilhete de adeus. O senhor de cabelos brancos puxa a mão de uma garota de sete ou oito anos com extremo cuidado sobre as pedras irregulares do passeio e eu penso em Giovana, minha filha, que não vejo desde o Natal. Casou-se com um rapaz empreendedor e foram morar em Curitiba. Sumiu. Se eu não telefonar nem mandar mensagem fica tudo em paz, uma falsa quietude que na verdade é apatia.

Em casa, procuro o que tenho de instantâneo e encontro a embalagem amarela de uma lasanha à bolonhesa no congelador. Antes de fechar a porta do micro-ondas vejo um rosto na tampa branca, como a aparição de um santo milagreiro. É Doutor Orlando, os óculos na ponta do nariz, falando sem parar: alimentação hábitos saudáveis hoje mesmo alimentação hábitos saudáveis hoje mesmo alimentação... Jogo a lasanha no lixo. Pego uma maçã e me sento no sofá, a TV ligada e a mão inquieta no controle remoto. Uma atriz de novela de rosto bonito avisa: o Canal Brasil fará homenagem a José Wilker exibindo um de seus grandes sucessos, *Bye Bye Brasil*. O som melancólico do sax e o rosto de um Wilker jovem e magro com ares de raposa invadem a sala. A imagem é amarelada, parece antiga. Hoje é antiga. Me bate uma vaga tristeza, saudade do que não sei. Quantos anos eu tinha quando o filme foi lançado? Não assisti no cinema. Agora me divirto ao ver a caravana Rolidei



viajando pelos lugares mais recônditos do país. A televisão começava a chegar às cidades pequenas e atraía multidões às praças, esvaziando o público das apresentações da trupe mambembe liderada pelo Lorde Cigano, o mágico ladino e desabusado interpretado por Wilker. Era o choque de dois brasis: O antigo (agreste, malandro e ingênuo) tentava sobreviver à modernidade padronizada na tela da TV do novo Brasil.

Os personagens de José Wilker colaram na minha retina e adquiriram feitiço de eternidade. Tinham uma picardia inventiva e uma brasilidade safa, sensual e ferina que, só agora percebo, me ajudaram a criar uma ideia de masculinidade possível, oposta à do meu pai militar de cenho sempre franzido.

Às vezes a morte parece um filme interrompido no meio. Uma bolha se forma no celuloide como uma pequena erupção e queima feito lume em palha seca. Acendem a plateia e o espectador olha em volta sem entender. Se houvesse um aviso, um sinal que fosse, que nos fizesse chamar os amigos, beijar os filhos e repassar a vida, nunca a dor aguda no peito, o guincho dos freios do caminhão desgovernado, a inconsciência repentina do ataque fulminante do coração.

Naqueles dias conversei sobre José Wilker com amigos da universidade e repeti os bordões de alguns

de seus personagens de novelas. Comecei a me policiar quando um colega me disse que os alunos já me chamavam de professor Herculano Wilker. Marcelo, um orientando de mestrado, me contou que o pai tinha sido vizinho do ator no tempo em que ele tinha morado na entrada do centro histórico de Olinda. Como Marcelo morava perto, ofereci carona com a condição de que passássemos por lá.

– É aqui, professor. Esse prédio de esquina.

– Você lembra dele?

– Foi antes de eu nascer. Meu pai era solteiro. José Wilker era moço, desconhecido. Acho que morava com a família. Pelo menos tinha uma irmã. Sei da irmã porque papai disse que andou namorando com ela e Wilker não gostou, veio tomar satisfação e tal. Chegaram a brigar.

– Onde seu pai mora?

– Ele já morreu. Por que o senhor quis vir aqui, professor?

O prédio alaranjado tinha três andares de apartamentos. No térreo havia um cartório e um bar ao lado com o letreiro sobre o beiral, as palavras dispostas sem pontuação: Puro sabor Aqui Tem Caldinho da Codorna. A pessoa tomava uma dose antes de casar ou fazia uma paradinha pra comemorar com os amigos depois de registrar o filho. Lembrei que alguns dias depois do nascimento de Giovana encontrei o pessoal do doutorado no bar do Abacaxi, perto

da universidade, e todos na mesa se levantaram para me receber, os copos erguidos, cantando “Pai” de Fábio Jr. Fazia trinta anos.

— Dá licença, preciso ver um assunto aqui. — Fui para um canto, tirei o celular e chamei até a ligação cair. Nove da manhã, Giovana devia estar chegando na ótica que abriu com o marido no shopping em Curitiba. Fui uma vez, uma única vez. — Qual é o apartamento, Marcelo?

— Segundo andar. Meu pai era vizinho de porta. Deve ser aquele virado pra Rua do Sol.

Dois lances de escada estreita cheirando a maresia, quatro apartamentos, dois para a Rua do Sol, dois para a Avenida Liberdade. No segundo toque da campainha, a moça de short e miniblusa abre a porta. Parece desconfiada, apesar da grade que a separa de nós.

— José Wilker, a senhorita se lembra... claro que não, é muito jovem. A sua família mora aqui há muito tempo?

— Ela franziu a testa a ponto das sobrelanceiras se moverem para baixo.

— Dois anos, moço. O senhor deseja o quê?

— Eu me enganei.

Ela fechou a porta antes mesmo de ouvir minhas desculpas.

— O outro apartamento tem uma plaquinha de aluga-se — eu disse para Marcelo.

— Professor, até agora não entendi direito por que o senhor quis vir.

— Vamos embora.

\*

Quando penso na minha filha não é na mulher de trinta anos de hoje. É em Giovana pequena, nós dois no cinema, a pipoca no meio, me dando bronca por pegar um punhado antes de começar a sessão. Bicicletas no parque, corredor de shopping, saltitando na direção dos brinquedos. Se pudesse, ligava pra ela. Não pra Giovana de hoje, pra Giovana pequena. Iria buscá-la agora. Para sempre. Giovana pequena.

\*

Lúcio entrou na sala, correu os olhos pelas cadeiras e escolheu a vazia ao meu lado. Sempre trazia o ar de riso e a amabilidade que nunca soube ser natural. Gostava de fazer medidas e enxerimentos, como se vivesse entre a inocência e o cinismo.

— Vi seu nome na programação do congresso do Rio — ele disse. — Não deve ter outro Herculano Albuquerque na sociologia brasileira. Ainda mais numa mesa sobre Bourdieu. Você vai mesmo?

— Vou.

— Mas você detesta viajar. Olha que fica feio desistir.

— Dessa vez eu vou.

\*

Sentei no banco de pedra ao lado da barra de ferro onde as pessoas se alongavam para correr. Digitei no celular “A última noite de José Wilker”. A primeira manchete no topo da tela foi: “Horas Antes de Morrer, José Wilker Jantou e Bebeu Vinho em Ipanema”. Cliquei sem pestanejar.

*A morte do ator José Wilker neste sábado surpreendeu a todos que o conheciam, inclusive os funcionários do restaurante Restô, localizado na Rua Joana Angélica, em Ipanema, Zona Sul do Rio. Foi lá que o artista jantou na noite de sexta-feira, horas antes de falecer na casa da namorada, localizada a cerca de cem metros do estabelecimento. “O ator chegou por volta das 22h, sozinho. A casa estava cheia e ele se sentou num banco, no balcão. Quando a namorada chegou, eles pediram uma mesa”, contou o proprietário do restaurante. Ele destacou que o ator se mostrou bem-disposto e simpático com todos. Wilker pediu uma taça de vinho Yali Carmènère, que degustou antes da chegada da jornalista com quem namorava. Para jantar, a escolha do ator foi um tornedor recheado com patê de foie gras (fígado de pato). “Ele sempre pedia pra-*

*tos de carne. Ontem dispensou a guarnição e escolheu uma salada verde de acompanhamento”. Wilker deixou o restaurante acompanhado pela namorada por volta da meia-noite. De lá teria seguido direto para a casa dela, distante cerca de cem metros. Ele faleceu horas depois vítima de um infarto.*

Jantar no mesmo lugar, pedir a mesma mesa, sentar na mesma cadeira para ter à frente o mesmo cenário no mesmo o ângulo, a imagem que tomou sua retina horas antes de morrer. Beber o mesmo vinho, ouvir o burburinho das conversas, a bossa nova no som ambiente, o toque dos talheres, os mesmos talheres, o mesmo cheiro quando o garçom colocar o prato na mesa, mastigar devagar, sentir cada nuance, tentar decifrar os ingredientes, os mesmos que Wilker ingeriu e estavam em seu estômago na hora em que morreu. Tomar-se em todos os sentidos. Impregnar-se da eternidade pela máxima apreensão. Como se, pelo menos por uma noite, eu seja ele.

Uma lagartixa apareceu no canteiro do parque, a cabeça num sobe e desce repetitivo e familiar observando, com a expectativa da travessia, a gente que caminhava e corria. Na primeira lacuna deu dois passos à frente e seu corpo delgado e frágil expôs-se inteiro no piso de asfalto. Me desviei para passar perto dela e observar sua reação. A proximidade do meu pé despertou

no animal um pavor atávico. Ela correu e atravessou a pista para chegar às plantas do outro lado e misturar-se a elas. Deixou, no entanto, o rabo. Isolado, pulava e se contorcia, um caos vivo no chão escuro e sujo. Li em algum lugar que, quando ameaçada, a lagartixa abandona sua parte mais extrema para distrair o predador e fugir em segurança. Tempos depois, cresce outro rabo no lugar. O substituto nunca se iguala ao original. É sempre menor e mais torto, sem a mesma graça. Um arremedo. Um simulacro.

Cinco batidas sincopadas na porta interrompem meu raciocínio enquanto escrevo um artigo. É o tiro que abate o pássaro em pleno voo. É Lúcio que abre a porta com sua grosseria travestida de humor bonachão, a arrogância de se achar sempre bem-vindo e não precisar pedir licença. Se eu reclamo, reforço a imagem de medido, chato e excêntrico. Ele abre a porta com um sorriso na cara infame.

— E aí, Herculano, Cláudia inventou de te apresentar a uma amiga.

— Isso nunca deu certo.

— É médica. Quarenta anos, loira, rata de academia. Arrumada, viu? O nome é Valquíria. Separou-se agora há pouco, está procurando namorado, um cara maduro, inteligente e bom de papo feito você.

— Ela vai se decepcionar.

— Posso marcar o jantar?

— Tenho escolha?

— Sabia que você ia topar. Até falei pra Cláudia marcar hoje à noite, oito horas, naquele restaurante de massas da Praça de Casa Forte. Combinado?

— É na hora da minha caminhada. Vamos marcar outro dia.

— Então às nove.

— Estou sem carro. Deixei hoje na oficina antes de vir pra cá.

— A gente te pega de Uber. Todo mundo vai tomar vinho mesmo.

Rata de academia não era um termo muito auspicioso para uma médica, mas pelo menos devia cuidar da saúde e dar boas dicas de pratos saudáveis e exercícios físicos aos amigos. Daquelas que pegam no pé do namorado sedentário e tentam corrigir seus maus hábitos alimentares. Talvez fosse o que eu estava precisando, alguém que me ajudasse a melhorar senão a cabeça pelo menos o corpo.

\*

Minha esposa tinha alugado uma casa na praia, vou tirar férias em janeiro, me disse, pra coincidir com as de Giovana na escola e as suas na universidade. Não vou poder, respondi, tenho que escrever a tese, vão vo-



cês duas e fico sozinho em casa, pelo menos quinze dias sem barulho, sem Giovana me interrompendo. Se conseguir terminar a tempo passo os últimos dias de janeiro com vocês. Ela não insistiu, baixou os olhos e se afastou. Foi ali que entregou os pontos. No dia, acompanhei as duas até o carro, quis ajudar com as bagagens. Giovana conversava com a boneca que levava no braço, a vozinha mais fina e carinhosa como se falasse para um bebê. Como é o nome dela, Gio?, perguntei. Você devia saber, a mãe interrompeu, essa boneca já tem um ano, diz pra ele o nome, filha, diz. Os cílios pretos, minha filha tem cílios enormes e lindos, se ergueram acompanhando o movimento do rosto na minha direção. Ela disse o nome da boneca. Como era mesmo o nome? No fim da tarde eu encontrei uma aluna para irmos ao motel, não era de fazer isso antes e no começo me senti culpado, depois me acostumei, não enxergava a beira do precipício. Minha esposa soube alguns dias depois de voltar da praia, alguém contou, não quero saber quem foi, só penso na dor de Giovana com a separação, aquilo me matou. Se eu ligar pra ela, Gio, como era o nome da boneca que você tinha e tratava feito filha, vai parecer estranho?

\*

Enquanto esperava Lúcio dar a volta maior no Uber para me buscar, eu sorria imaginando possíveis

pretextos para não ir. Mandaria uma mensagem de áudio com a voz denotando sofrimento: Lúcio, desculpa, não vou poder encontrar vocês, acabei de voltar do Hospital de Traumas, estou com o braço na tipoia. Por sorte não tive fratura, só uma luxação no pulso direito. Logo a mão direita imobilizada, não tenho condição de sair pra jantar hoje. Ele perguntaria o motivo e eu contaria que tinha deixado a torneira aberta ao sair para a universidade porque estava faltando água de manhã cedo e na volta encontrei o apartamento inundado. Meu pé deslizou no piso da cozinha e, para evitar a queda, apoiei a mão no chão e a torci. Uma história fica mais verossímil quanto mais detalhes tiver, principalmente os insignificantes. O ludibriado deduz: ele não pode ter inventado tudo isso, bastava dizer algo genérico se fosse mentira. Então é verdade, aconteceu. Não, essa desculpa não funcionaria. Só se eu tivesse marcado de encontrá-los no restaurante. Dessa vez Lúcio pediria para subir e saber como eu estava e se precisava de algo.

O carro preto, um enorme breu, me esperava parado na rua, os vidros escuros refletindo o solitário faço da luminária do poste. Parecia o automóvel de uma funerária. Ou a carruagem de Nosferatu. Me vi num velho filme de horror preto e branco em tons de sépia. Ao descer o vidro, revelou-se um Lúcio risonho que me fez sinal para entrar. Abriu-se a porta traseira e um sopro entrou pelas frestas da minha roupa me congelando e

fazendo levar a mão ao pescoço na tentativa inútil de fechar a gola da camisa.

Uma das mulheres no banco traseiro era Cláudia, esposa de Lúcio, sentada no canto oposto. A outra devia ser a amiga médica que se afastou da porta aberta para me dar espaço. Boa noite, eu disse sem erguer a vista evitando o rosto da loira e registrando no canto de olho os cabelos escorridos bem além dos ombros e as pernas bronzeadas descobertas pela saia curta. Lúcio à frente, nariz anguloso no perfil do rosto magro, disse em tom brincalhão enquanto saía da sua boca uma nuvem de gotículas de saliva: Achei que você fosse desistir. Quando Cláudia me apresentou a Valquíria, tive que mirar seu rosto comprido, duro, de maçãs pouco salientes, sobrancelhas finas bem traçadas e lábios delgados acesos por um batom vermelho. Minha hesitação entre o aperto de mão e os dois beijinhos durou até Valquíria mover a cabeça para o lado esquerdo e oferecer o rosto. Fiz uma pausa entre o primeiro beijo e o segundo para não haver risco do contato acidental entre nossas bocas. Não consegui, porém, evitar o toque desatento da minha mão na parte descoberta de sua perna e senti o rosto enrubescer.

Talvez para dissipar meu desconforto, Lúcio contou que a médica também tinha uma filha e ela balançou a cabeça com um sorriso de *outdoor* em que os dentes muito brancos indicavam um clareamento re-

cente. É meu xodó, ela disse. Abriu a bolsa, tirou o celular e mostrou uma garota loira de uns dezoito anos, rosto ensolarado, vestindo camiseta e short jeans com uma mochila comprida nas costas. Pelo cenário em volta, devia estar no topo de uma montanha e a expressão de contentamento indicava que acabara de chegar ali. A foto perfeita para a capa de um livro de autoajuda ou um comercial de tênis esportivo. Meu xodó, ela repetiu, e a voz tolheu-se num soluço enquanto contemplava a imagem. Achei que seus olhos deviam estar marejados e me deu uma súbita vontade de segurar sua mão, até de abraçá-la. Preferi me virar para a rua que passava no vidro do carro.

Mesmo que a raiz escura revelasse a falsa lourice, havia algo de nórdico em Valquíria para além do nome de deidade viking. Alta, cintura fina e braços rígidos, era atraente na geografia revelada no conjunto de top e saia curta, mesmo que a roupa fosse uma opção arriscada para alguém com mais de quarenta anos.

Concentrado no cardápio, não prestei atenção nos pedidos dos demais. Só quando chegaram os pratos percebi que meu espaguete *al mare* não combinava com o Merlot tinto e meio seco que já estávamos bebendo. Afundei na cadeira com medo de ser considerado bronco e sem noção. Não saiu nenhum comentário. Nenhum olhar desviado de reprovação. Valquíria entabulava assuntos com determinação de especialista e objetividade

de uma líder de grupo de trabalho. Falou da carga horária excessiva do trabalho e da impaciência pelas férias em Miami. Fez críticas às bolsas dadas pelo governo a famílias carentes, ressaltando as vantagens de ensinar a pescar em lugar de dar o peixe. Era contra os direitos humanos porque só defendiam bandidos e a favor dos humanos direitos, como ela, que pagavam impostos e cumpriam a lei, assim como o policial que ganha pouco e dá a vida para salvar a população, o pai de família que trabalha duro e às vezes é assaltado e morto por marginais de dezesseis, dezessete anos. Por isso também era a favor da redução da maioria penal e da pena de morte, o estado não podia sustentar bandido pelo resto da vida, não com o dinheiro dela. Tinha feito curso de tiro e estava doida pra meter bala na fuça de algum ladrão que cruzasse seu caminho. Só quem já foi assaltada sabe o trauma que é, ela disse enquanto balançava a cabeça como quem continua a refletir sobre o assunto.

— E se o ladrão estiver armado e atirar antes? —  
Eu disse.

Cláudia e Lúcio se entreolharam.

— Todo cidadão tem o direito de escolher se vai correr ou não esse risco — Valquíria respondeu com a voz mais alta e ganida.

Achei melhor submergir e pensar nas aulas da universidade, na viagem ao Rio e em jantar no restaurante derradeiro de José Wilker. Precisava de uma estra-

tégia para conhecer gente interessante sem depender de sites de relacionamentos, aplicativos de encontros ou amigos incompetentes. Voltei à superfície a tempo de ouvir Lúcio pedindo para marcar uma consulta. Ligue na segunda para o consultório, ela disse. Ele deve ter percebido que os assuntos de trabalho, pelo menos do trabalho *dela*, pareciam reduzir sua rotação. Perguntou como era a rotina da médica, se as doenças eram sempre as mesmas. Valquíria suspirou e disse que tinha muito pra contar. Alguns pacientes eram bizarros. Um garoto tinha ido ao consultório com uma micose no cotovelo. Quando ela pediu para olhar o resto do corpo, o rapaz resistiu a tirar a camiseta para mostrar o peito e a barriga, repetindo que a doença era só no braço. Ela insistiu, tira a blusa, menino, e ele ficou no vou-não-vou, o rosto vermelho, a cara de quem comeu e não gostou. Depois de muito empenho, revelou a faixa torácica que lhe achatava o peito.

— Era uma menina! Acredita? Uma menina se fazendo passar por rapaz. Essa coisa de ideologia de gênero dá nó na cabeça dos jovens.

— Não existe isso, eu respondi. Você como médica deveria saber que é fisiológico, a pessoa nasce com a inadequação.

— É ideologia, sim — ela insistiu. — Eu sei do que estou falando. Orientei a moça a parar de brincar de ser rapaz. Funcionou. Ela prometeu que seria mulher. Foi

uma conversa tranquila, incorporei meu lado mãe. Os pais hoje em dia andam muito ausentes. Eu trabalho muito, mas tento acompanhar minha filha ao máximo.

— E o que acha dos médicos cubanos? — Cavou-quei a história dos profissionais que vinham atender a população carente nos confins do Brasil e foram rechaçados pelos colegas brasileiros.

Lúcio e Cláudia se remexeram nas cadeiras como se os assentos tivessem pregos. As sobrancelhas de Valquíria se juntaram formando rugas verticais e compri-miu a boca deixando os lábios mais finos e espichados pra fora, as bochechas empurradas para cima.

— Eles não deviam nem estar aqui. Eram explorados por Cuba, atendiam mal a população e roubavam o emprego dos médicos brasileiros. Será que é tão difícil de entender?

Não era possível responder a uma torrente, um dilúvio de perdigotos e palavras emaranhadas que já não faziam mais sentido. Ela ficou de pé ao lado da mesa agitando os braços. A cabeça flamejante, soltando labaredas, consumiu-se em cinzas. Ficou parecendo a Vitória de Samotrácia, escultura de pernas carnosas e retesadas do Louvre, os músculos desenhados pela raiva. Bela, esvoaçante e sem cabeça.

\*\*\*

O Cristo Redentor, na foto da parede, parece um maestro regendo o coral de prédios com o Pão de Açúcar e algumas ilhas na plateia. A luz do sol atravessa a persiana branca semiaberta e dá um efeito fantasmagórico à imagem. O lugar é pequeno, há pouca coerência estética e muitos detalhes. Tem uma mesa de falso granito rodeada por cadeiras de alumínio preto, poltronas e pufes com estampa de folhas de coqueiro, duas cadeiras de assento côncavo e base fina parecidas com uma flor copo-de-leite e um sofá de padronagem tropical com almofadas verdes e roxas. A sala é separada da cozinha por uma meia parede cor de grafite, que antes deve ter sido uma parede comum, onde fizeram o recorte e se encravou uma placa de fórmica branca para servir de balcão. Provoca uma ilusão de ótica: quem olha a partir da sala vê um bar, mas, ao passar para o outro lado



descobre-se que o bar é, na verdade, a cozinha. Nela se espalham pranchas com canecas e tulipas de chope, copos de vidro com o logo do Planet Hollywood, garrafas fechadas de vodca Ciroc e cachaça Velha Província. A cachaça deve ser um mimo para os gringos, hóspedes preferenciais, que a preferem a um vinho ou uísque. É de se admirar o esforço do dono em fazer caber na cozinha o fogão de quatro bocas, a geladeira, pratos e copos, uma placa branca de compensado com um forno de micro-ondas e outra com torradeira, liquidificador, máquina de café espresso, duas xícaras e uma sanduicheira. Na parede há, ainda, um ventilador portátil e um pequeno espelho no formato de um coração com asas.

Na parede do quarto, uma gravura de vergalhões de ferro retorcidos revela-se de perto como dois corpos nus entrelaçados. É uma imagem bonita, mas colocada acima da cama parece óbvia e vulgar, quase uma sugestão de que ali é lugar de fazer amor. Imagino quantos não passaram por este quarto e se atracaram, arrancaram roupas, desferraram a colcha preta, jogaram calcinhas e cuecas no piso de cerâmica. O lugar é de um dono sem rosto, chave entregue na portaria e nenhum contato visual com o porteiro encoberto pelo vidro escuro da guarita.

A prateleira é frágil demais para acomodar a mala e preciso deixá-la no canto. A mochila excede a prancha da parede, pode cair no chão e danificar o notebook

que vou usar no congresso, por isso fica na escrivaninha, onde um papel colado no tampo informa:

Rede Wifi: Net 101 5G

Senha: m2+carodomundo

Conecto o celular à Internet, ligo o laptop, abro a mala, retiro blazer, calças, camisas de botão, camisetas, camisas polo, shorts, cuecas e meias. Separo tudo na cama. Penduro o blazer, as calças e as camisas de botão nos cabides. Acomodo cuecas, meias, camisetas e shorts nas gavetas maiores, cada tipo numa gaveta. Guardo carteira, chaves, carregador de celular e remédio para desentupir o nariz nas duas gavetas pequenas de compensado vagabundo. Da varanda que se derrama na calçada vejo a rua estreita e ansiosa. Digito o endereço que procuro. Estou a cento e sessenta metros.

Aos poucos, os rastros vermelhos da luz do sol desvaneceram detrás dos prédios e das árvores. As luminárias das calçadas e da praça foram se acendendo, fraquinhas a princípio e recrudescendo aos poucos. Desci para respirar o ar da cidade e quem sabe descobrir um bar no entorno e alguma banca para comprar jornais na manhã seguinte. O prédio baixinho ficava em frente à confluência de duas ruas, como um Y de cabeça para baixo. No espaço entre elas havia uma calçada larga com árvores e plantas acomodadas em canteiros. Uma casinha em madeira branca da altura de uma pessoa

mostrava plantas e flores no seu interior através de janelas de vidro, agora fechadas. Era uma floricultura no meio da praça. Alguns metros depois, havia quatro mesas quadradas e cadeiras de madeira dobráveis. Nenhuma estava ocupada. Sentei e olhei em volta. Nenhum garçom à vista, nem mesmo um bar por perto. Por que as mesas estavam ali?

Um casal de meia-idade parou em frente à floricultura. A mulher apontou uma flor através do vidro, aquela, amor. O marido balançou a cabeça, amanhã cedo a gente volta com a loja aberta. No outro lado da praça, um cachorro pequeno e peludo veio puxando o dono pela guia atada à coleira na direção de uma árvore. Ele a farejou e depois foi para outra e mais outra, até posicionar-se ao lado da árvore ideal e levantar a perna para mijar. Satisfeito, deixou-se guiar pelo rapaz. Atravessaram a rua e sumiram de vista.

Um clarão avermelhou a nuvem com uma luz vinda de dentro, como se os raios vazassem os algodões tingidos de cinza e preto. Parecia um quadro, uma pintura barroca retratando uma cena bíblica. Seguiu-se um estrondo que fez meu corpo tremer. A mesa ainda vibrava quando um vulto apareceu no canto esquerdo da minha vista. Uma mulher jovem e negra colocou um papel plastificado sobre a mesa. Suas mechas emaranhadas caíam sobre os olhos, parecia o desenho em nanquim de um personagem de quadrinhos, os lábios atraentes

no limite da desproporção ao rosto fino. O corpo esguio se justapunha ao vestido curto e preto com um avental amarrado à cintura.

— Boa noite, moço. Meu nome é Simone. Seja bem-vindo.

— De onde você veio?

— Dali, senhor.

Apontou para um trailer encoberto pelas árvores que ocupava o trecho contíguo à rua que formava uma das pernas do Y. Eu não tinha percebido antes, parecia ter se materializado naquele momento, como um oásis no deserto. Na parte de cima, a placa indicava: Pub Truck. Ergui o cardápio à altura da vista e observei com atenção a lista de chopes, cervejas, uísques, gins, coquetéis e shots.

— O que é um shot, Simone?

— Uma dose.

— Por que em inglês?

Ela ergueu os ombros de um jeito brincalhão. Eu não comia nada desde o avião e minha barriga vazia já provocava uma leve dor no estômago.

— Tem tira-gosto?

— As comidas ficam no verso.

Fez um gesto delicado com a mão para girar o cardápio. Me senti provinciano ao perceber que não havia tira-gostos e sim sanduíches com nomes em inglês. Pedi um de pernil desfiado com abacaxi e um chope. Ela foi

até o trailer com uma cadência que fazia os cachos balançarem sobre os ombros. Trouxe a bebida e o prato com uma covinha sorridente em cada face.

— É você que prepara, Simone?

— Se estiver bom, sim. Se não, foi o espírito da praça.

Na primeira mordida vieram imagens do sítio da minha avó, o pomar carregado de carambolas e jambos, a subida no tronco da goiabeira, a euforia de me agarrar ao galho, a vontade de me misturar às folhas, o medo da queda iminente, o galho fino e frágil quebrado a qualquer movimento brusco. Abri os olhos e não vi Simone. Me levantei e fui até o trailer. Estava vazio. Voltei à mesa para terminar o meio sanduíche que restava e esvaziei o copo com dois goles.

— O senhor quer outro chope?

— Onde você estava?

— Lá em cima — ela apontou a copa de uma árvore. — E então?

A falta de previsibilidade de uma situação era uma das coisas que mais me afligiam na vida. Como estar num bote solto na correnteza sem saber se o rio terminaria na foz tranquila ou numa brutal queda d'água. Não era assim dessa vez. Um deleite sereno e quase arrebatador me tomava, dando a impressão de que um mistério se estabelecia para uma posterior revelação de algo bom.

— Agora quero uma bebida diferente, Simone. O que você tem?

— Vou trazer uma que o senhor vai gostar.

— Não me chame de senhor.

Saiu tão rápido que não deve ter ouvido minha última frase. Voltou com o lampejo de um relâmpago, um desprendimento tocante. Trazia o copo de um líquido verde esbranquiçado e translúcido. No topo, uma espuma branca mais espessa que a do chope.

— Me diga se gosta — ela disse com uma voz terna.

O drink desceu feito seda refrescante. No final, porém, quando tudo era calma, veio um aperto seco na mucosa da boca.

— O que é isso, Simone?

Ela saiu sem responder, o rosto contente por me deixar curioso. Logo trouxe outro copo do mesmo preparo. E outro. E outro. Cada gole fazia minha mente fulgurar, sentia as labaredas saindo pelos olhos, narinas e ouvidos. Quem passava na praça não parecia se importar. A senhora com a bolsa pendurada no ombro, o rapaz de gravata na volta do escritório e a garota com roupa de ginástica não viravam o rosto para nos fitar, mesmo eu estando um metro acima do chão. O quinto copo derrubei quando tentava descrever as asas de uma fada. Ela correu para pegar a flanela no trailer e enxugou o rio branco sobre a mesa.

— Você trabalha até que horas hoje?

— Depende do movimento.

As outras mesas continuavam vazias, o que era, sem dúvida, o destino maquinando a meu favor. José

Wilker tinha ido sozinho ao restaurante às dez da noite e esperado a namorada em frente ao balcão. Quando ela chegou, tiveram um belo jantar e foram a pé até o apartamento dela. Se acontecesse de passar a noite com Simone, mesmo que um tempo curto, a morte ulterior poderia ser um desfecho poético. Era um risco que valia a pena.

— Sabe qual é o restaurante Restô?

— Restô?

— Aqui perto, em Ipanema. Esquina da Joana Angélica com a Nascimento Silva — eu disse com a segurança de quem havia visto tantas vezes o endereço no mapa da Internet. — Topa jantar comigo lá? Não precisa ir cedo. Eu vou na frente e te espero.

— Seu Herculano...

— Como sabe meu nome?

Não lembrava de ter dito. Me veio a sensação de segredo profundo, como se ela soubesse mais do que demonstrava. Simone me fitou em silêncio até que um alarido por trás da minha cadeira desviou sua atenção. Chegaram três rapazes trapezoidais de camisas regata e duas moças violônicas de short curto, ninguém com mais de vinte e cinco anos. Simone os acompanhou até a frente do trailer. Dois rapazes ergueram a mesa e a encostaram em outra. O terceiro e as garotas puxaram as cadeiras e as posicionaram ao redor. Começaram os brindes e as risadas, cervejas entornadas, vozes superpostas.

A bebida foi minguando apesar do meu ritmo lento, menos preocupado com a embriaguez do que em pôr à prova a minha capacidade de atrair a atenção de Simone. Ela era solícita com o grupo recém-chegado, conversando e anotando, trazendo copos e garrafas para o amontoado de estridência. Quando meu copo esvaziou, acenei com a mão aberta erguida à altura do rosto. Simone pareceu não perceber. Ergui a mão mais alto, movendo o braço para um lado e para o outro como quem orienta o pouso de um avião. Ela me sobrolhou com um ar risonho que poderia ser de carinho ou chacota. Nunca fui bom em captar sinais. Assinei o papel aéreo invisível universalmente entendido como o pedido da conta.

— Vai tão cedo assim? — Ela disse enquanto eu digitava a senha na maquininha de cartão.

— Vou para o Restô. Espero você lá.

O olhar pensativo devia ser de quem tentava assimilar o convite. Ficava ainda mais bonita em silêncio, no que devia ser um gracioso sim.

Duas quadras adiante, a rua Nascimento Silva me levou a um prédio baixinho de número 107, onde se lia numa placa: *“Rua Nascimento Silva, 107, você ensinando pra Elizete as canções de Canção do Amor Demais.”* Neste imóvel, imortalizado na canção *Carta ao Tom 74*, morreu Tom Jobim de 1954 a 1960. Um tesouro escondido na



normalidade cotidiana. O Rio estava na minha memória afetiva não pelo vivido, mas pelo visto, lido e ouvido nos filmes e crônicas, músicas e novelas de TV. Agora eu tinha a chance de criar a minha história e ter uma recordação concreta, sem pertencimento a um lugar apenas imaginado. Igual a um morador. Igual a José Wilker.

Virei à esquerda na Joana Angélica e me vi ladeado por prédios baixos e antigos, a rua tranquila, talvez tranquila demais para as dez da noite de uma quarta-feira. Uma senhora atarracada num vestido de estampas coloridas saiu de um táxi rumo ao portão de um prédio largo. Outro carro parou rente ao meio-fio um metro adiante e permaneceu com o motor ligado. Desceu um rapaz com o revólver na mão. Apertei o passo, virei o rosto e observei, com a mais periférica visão, a senhora ser abordada antes de entrar no prédio e lhe entregar a bolsa. Ele voltou para o carro, que saiu num arranque enquanto ela se encostava à grade pelo lado de fora, o olhar perdido, a rua deserta. Talvez a chave tenha ido na bolsa. Não havia porteiro ou morador para ajudá-la.

— Moço, o senhor viu? — Ela gritou para mim enquanto me afastava sem olhar para trás. — Moço!

O elevador de um prédio soava insistente ao longe, o motor entrava e saía, entrava e saía, descia como se nunca fosse parar. Vozes ecoavam na rua, risadas e gritinhos alegres. Um homem e uma mulher em bicicletas modernas, vermelhas, iguais, com blusas laranjas

coladas ao corpo, capacetes parecendo fruta enrugada, por certo vinham da Lagoa ali atrás. Multiplicaram-se em diversos casais, tranquilos e risonhos, todos em bicicletas esportivas, conversando e serpenteando pela Joana Angélica deserta. Talvez fosse uma ilusão de ótica, talvez um passeio de adoráveis replicantes. Desapareceram antes que eu virasse na Visconde de Pirajá. As ruas eram tão parecidas que me fizeram desconfiar se já não havia passado por elas antes.

O restaurante visto de fora era menor do que as imagens da Internet faziam crer, como um lugar da infância revisitado na idade adulta. A casa estreita de primeiro andar parecia ter sido pintada de branco há dez minutos. As janelas, a porta de entrada e uma pequena escadaria de acesso de três degraus eram de madeira escura tão envernizada que refletiam as luzes da rua. As mesas da frente estavam vazias, o que não deixava de ser estranho para um lugar badalado da zona sul do Rio. O endereço era aquele. O número da casa batia. Sentei numa banqueta de madeira observando a esquina da Joana Angélica com a Nascimento Silva, os nomes em letras brancas nas placas de fundo azul não me deixavam mentir. Lembrei da adolescência, quando fui penetrar numa festa de quinze anos. Um amigo que conhecia a aniversariante marcou de me esperar em frente à casa dela e não deu as caras. Achei que ele já estava lá dentro

e entrei. Não estava. Não apareceu. Fiquei circulando sozinho pelo jardim, peguei bebida na cozinha, observei as meninas no terraço estreito improvisado como *dancing*, me sentia perscrutado por pai, mãe, tios, avós e amigos da debutante. A qualquer momento descobririam que eu era uma fraude. Não me diverti. Talvez tenha sido o único na festa que não teve prazer. José Wilker havia chegado naquele restaurante sozinho alguns meses antes, mas era famoso, frequentador assíduo, morador da cidade. E esperava a namorada. Eu era um ninguém e, apesar de minha origem importar menos do que a aparência e a capacidade de pagar a conta, era um estranho sozinho numa terra desconhecida.

Pelo vidro escuro da porta percebi vultos se alastrando no corredor, espargidos pelas mesas, sentados em bancos perto do balcão. Pareciam formas sobrepostas, embauladas, enviscadas, sombras de cisnes, torres, águias, barcos, rochas, monstros. Que bobagem, pensei, é só um restaurante. Aguardaria Simone mesmo não estando certo se ela viria. A espera é um escudo, você olha o relógio ou espia o celular para mostrar aos outros que sua solidão é passageira. Respirei fundo e entrei como quem entra num iate, tentando parecer altivo, mas com receio de cair com o balançar do barco. O ambiente era frio, as mesas, cadeiras e janelas da mesma madeira escura lá de fora e as paredes de tijolo aparentemente davam a impressão de uma rusticidade planejada.

Não observei os rostos dos casais que se defrontavam nas mesas, tive medo de parecer invasivo. Todos ficaram parecendo borrões brancos que refletiam e distorciam a luz das luminárias embutidas no teto. Escolhi uma cadeira solitária virada para o balcão, quem sabe o lugar onde José Wilker estivera. A janela parecia o quadro de uma rua silenciosa. Ao lado, garrafas se perfilavam sobre as pranchas da parede e luminárias despencavam qual flores murchas no balcão. Não conseguia relaxar como relaxei na mesa do trailer da praça. O garçom se aproximou e me levantei para ir atrás de Simone. Talvez estivesse sozinha agora, talvez quisesse me encontrar no restaurante e lhe faltasse coragem.

Na praça não havia mais mesas no espaço entre as árvores, nem mesmo o trailer havia mais. Procurei no chão algum resto de comida ou uma garrafa, algum indício de que ali houvera um *food truck*. Não achei nada. Ainda pensei que podia ter chegado à praça errada, mas não, a bifurcação na rua estava ali e, mais adiante, o prédio azul onde havia me hospedado. As ideias revoltas faziam meus músculos seguirem adiante, mecânicos, sonâmbulos, inconscientes, pela rua que se alargava cada vez mais.

Numa esquina, as simetrias se quebraram. Despontou um parque tão grande que parecia não ter fim. Vi através do gradil as luminárias apagadas e a noite

sem lua, um oásis no deserto noturno com caminhos de areia cor de cobre ladeados por palmeiras, como a estrada de tijolos amarelos do *Mágico de Oz*. Tinha um casal de estátuas de mãos dadas rodopiando prestes a voar, árvores de copas largas aglomeradas numa pequena floresta, um parque infantil com gangorras, escorregos, brinquedos de ferro coloridos, monumentos imponentes de granito e gramados que sugeriam momentos de sossego. Circundei o parque resvalando a mão nas barras de ferro que o envolviam até achar um portão de pesadas grades pintadas de preto fechado apenas no ferrolho. Pensei em voltar para o apartamento e dormir, na manhã seguinte seria a abertura do congresso, mas o gramado macio me convidou a entrar. Não havia ninguém mesmo, que mal haveria me deitar um pouco? Observei as estrelas para acalmar o juízo e acabei adormecendo. Acordei com um estremecimento, como se a grama fosse um tapete sacudido por um gigante. Não havia nada que pudesse estar fazendo aquilo e me sentei com dificuldade no gramado, que ainda sacolejava. Achei que estava em surto, talvez por conta da bebida de Simone. A grama se elevou um metro acima do chão feito a pele envolvendo uma inflamação e me desesperei, comecei a gritar por socorro na esperança de alguém me ouvir no deserto imenso. Um pássaro enorme saiu do galho de uma árvore próxima e voou em círculos ao meu redor. Tinha uma vasta plumagem castanha e cin-

zenta, asas arredondadas e pés fortes que se atracaram nos meus ombros me fazendo urrar.

— Não pense que a sua noite terminou — o animal disse com a voz grasnada.

— O que é pra fazer? — Perguntei caído de joelhos enquanto ele se mantinha cravado em mim. Não respondeu. Voou para dentro, menor e menor até desaparecer no breu. Engatinhei na grama plácida até um banco de pedra bem próximo em cujo assento apoiei as mãos para me erguer. Já não sentia as pontadas de dor das garras do pássaro, vasculhei a pele dos ombros e costas à procura de algum ferimento causado pelas garras do bicho e não encontrei. Ainda pensei em me esparramar no banco, estava cansado e dormiria um pouco, mas as palavras do pássaro repercutiam, como se eu tivesse um trabalho a fazer. Mesmo que não entendesse o motivo, queria voltar ao restaurante e terminar aquele jantar. O jantar de José Wilker. Mas não era isso que me preocupava, a comida estava lá, à espera de um pedido. Precisava de alguém, uma mulher, para me acompanhar no jantar e na madrugada. Depois, até morrer valeria a pena. Sabia que se não fizesse me arrependeria. Ó, pássaro, você tem razão, minha noite não terminou. Cheguei à calçada com a cabeça cheia de alternativas. Digitei no celular “garotas de programa” e um nome piscou na tela iluminando meu rosto opaco: Centaurus. Ali perto, algumas ruas

adiante. Acelerei o passo, alternando o olhar entre o mapa aceso e as ruas vazias.

A placa na esquina confirmava o nome da rua enviesada. A pouca iluminação fazia os prédios assimétricos parecerem distorcidos e enigmáticos, como se estivesse num filme expressionista alemão. No muro alvo de um casarão começaram a se formar manchas escuras, borrões elípticos, que aos poucos ganharam contornos de rostos amontoados como no quadro “Operários”, de Tarsila do Amaral. Eram fisionomias femininas que lembravam minha mãe, minha ex-mulher, Giovana, a médica Valquíria, Simone e várias outras mulheres que eu havia namorado, desejado, possuído, todas com expressões crispadas, carrancudas ou irônicas, ralhando e gargalhando. Não havia som, era como se estivessem num filme mudo, me censuravam e levavam ao ridículo porque eu estava disposto a pagar por uma mulher. Decidi ir embora. Ao me virar, ouvi uma voz.

– Venha, meu amigo. A gente esperava por você.

Numa fachada de ripas de madeira flutuava um centauro grotesco e simpático; a cabeça, os braços e o dorso de homem e, abaixo da cintura, o tronco e as patas de cavalo. Olhei de novo para o muro. Estava branco. O bizarro coro de mulheres havia desaparecido. O animal fantástico empinou de contentamento ao me ver voltar e abrir a estreita porta metálica. Minhas mãos gelaram e as pernas foram bambeando no corredor estreito até

uma sala parecida com um escritório de contabilidade dos anos 80, com telefones fixos e calculadoras com rolo de papel para impressão. Que tipo de cálculo faziam? Uma mulher de terninho e calça comprida estava em pé, ao lado de uma escrivaninha, com fones enfiados nos ouvidos. Com os olhos fechados, pressionava os plugues com os dedos indicadores e cantava baixinho a música, mexendo o quadril num movimento circular como se equilibrasse um bambolê invisível. Era magra, alta, tinha o rosto bem desenhado e a boca fina encimada no canto por uma pintinha, uma *top model* duas décadas depois do estrelato. A Cindy Crawford temporã. Abriu os olhos e parou o rebolado, esboçando um imediato sorriso de clareamento dental.

— Olá. Seja bem-vindo. É sua primeira vez aqui?

— Sim — balancei a cabeça sentindo um deserto arenoso na boca.

— O vestiário é ali — ela apontou para um espaço apertado na base da escada. — Pode colocar um robe que eu levo você no primeiro andar.

— Eu quero alguém pra ir comigo num restaurante.

Cindy sorriu. Deve ter achado estranho alguém pagar para conversar. Ou talvez fosse um sorriso padrão, o mesmo para todos os clientes, tantos homens solitários por aí. Pegou um interfone e citou alguns nomes femininos. Foram dois minutos de desconforto até irrom-



perem as sílfides: cinco meninas apertadas em vestidos curtos de tons verde e amarelo e decotes abissais. Eram bonitas e muito jovens, tão jovens que qualquer tentativa de sensualidade nas roupas justas e lábios mordidos ou embicados esbarrava numa inocência comovente.

– Não tem nenhuma com mais de trinta?

Cindy ergueu as sobrancelhas finas e apertou a boca para segurar o riso.

– É a primeira vez que alguém me pede isso. Mas cada um com seu desejo, né? Estamos aqui para satisfazê-lo.

Ligou de novo o interfone.

– Yara, tem um cliente aqui pra você. Um coroa charmoso, viu? A capitã volta a ser soldada por uma noite.

Yara chegou superlativa. Gestos, coxas, maçãs, ancas, seios, cabelo, dentes, bunda, riso, voz. Tão dedicada a cumprir a missão que segurou minha mão entre suas mãos enormes fazendo-a sumir como se tivesse sido engolida por uma concha enquanto fitava do alto meus olhos encabulados de cliente.

– Então é com você que vou jantar hoje?

Puxei a mão como um animal que livra a pata de uma armadilha e recuei um passo. Fiz um gesto chamando Cindy e ela me seguiu até o corredor.

– Desculpe, não leve a mal. Yara é bonita, mas não é meu tipo.

— É a única com mais de trinta que tenho aqui. Por que não escolhe uma das garotas?

— Posso indicar uma bem fina e educada, o senhor vai gostar.

— Como é seu nome?

— Janaína.

Era um nome muito mais bonito do que o apelido gringo que mentalmente havia lhe dado.

— Que tal você, Janaína?

Ela crispou a testa e me esquadrinhou de cima a baixo, formando rugas ao redor dos olhos com um charme bastante honesto. Pedi papel e caneta, ela me deu uma folha de impressora matricial, aquele papel furado nos dois lados.

— Restaurante Restô — eu disse enquanto anotava o endereço tantas vezes conferido na Internet. — Vou na frente e espero lá. Pode chegar daqui a meia hora.

Paguei quinhentos reais no crédito com a promessa da segunda parte em dinheiro no apartamento, depois do jantar. Fiquei alguns instantes sem saber se deveria dizer mais alguma coisa. Cindy-Janaína parecia conjecturar alguma coisa com o olhar difuso, largado na parede. Foi desbotando o riso até o rosto tornar-se inquieto. Moveu levemente a cabeça e me encarou com aflição.

— Seu Herculano, isso não vai dar certo.

— Como sabe meu nome?

Era a segunda vez que adivinhavam. Ela fez um abano com a mão, como quem diz tanto faz. Saí antes que pudesse parecer inconveniente.

Do lado de fora, o centauro me observa imóvel e contente. Minha vontade é de acenar para testar se ele responde, mas fico com medo de parecer ridículo. O aplicativo do táxi redemoinha na tela e nenhum carro aparece. Ligo para algumas empresas e as chamadas caem de tanto tocar. Decido ir a pé, o Restô não fica tão longe. Nada fecha cedo no Rio, pelo menos não na zona sul. O restaurante estará aberto, sem dúvida. Não me sinto mais um estranho ao caminhar com passadas largas, como um general pela terra conquistada. Sigo na longa avenida cruzando ruas vazias, prédios escuros, luzes piscando, sirenes ao longe. É tudo meu. Olho mais uma vez a notícia da morte no celular e vou repetindo: vinho Yali Carmènére, tornedor recheado com patê de *foie gras*, salada verde para acompanhamento. Quero evitar o titubeio na hora do pedido e parecer um velho cliente movido pela força do hábito.

Da esquina do restaurante, vejo na porta uma placa branca com letras vermelhas: Passo o ponto. Abaixo, um número de telefone. Demoro a entender, por mais óbvio que seja, que o estabelecimento está fechado e à venda. Estive ali algumas horas atrás, observei o movimento de clientes e garçons, os brindes, drinques, co-

quetéis. Colocaram a placa no fim do expediente? As folhas secas espalhadas no piso externo de madeira e as nódoas marrons cobrindo as paredes brancas parecem indicar um abandono anterior. As luzes do dia já se imiscuem na história, trazendo os primeiros automóveis, velhinhos, buzinas, atletas, banhistas, bicicletas, garotas, cachorros, coleiras e jornais da manhã em contraste com a casa fechada e mortíça. Percebo no relance de canto de olho um homem ao meu lado, em pé, também observando o restaurante fechado. Ele tem um ar de desconsolo, passa a mão na testa, balança a cabeça em negação. Vai até a entrada do restaurante e empurra a porta na tentativa de abri-la. É inútil. Seu rosto é familiar e guarda certo carisma juvenil, embora esteja na casa dos sessenta. Combina uma camisa branca de tecido fino e mangas compridas com uma bermuda justa até os joelhos e uma pequena mochila nas costas. Empurra de novo a porta. E de novo, balançando a cabeça a cada tentativa frustrada. O vento quente da manhã me eriça os pelos do braço. Agora ele anda de um lado para o outro. Para. Fecha os olhos. Anda de novo. Apenas no trecho em frente ao restaurante onde fez sua última refeição.



vencedor.  
na categoria  
**CONTO**



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

